

Albertano de Brécia

Ars loquendi et tacendi

*A Arte de falar e de calar: lições da
Antiguidade do mestre Albertano de Brécia*

Ed. bilíngue

Organização

Heloísa Maria Moraes Moreira Penna

Tradução

Gustavo Lamounier Miranda

Mateus de Oliveira Aredes



Fale/UFMG

Belo Horizonte

2024

Diretora da Faculdade de Letras

Sueli Coelho

Vice-Diretor

Georg Otte

Coordenação editorial e administrativa

Emilia Mendes

Comissão editorial

Carolina Fenati

Elisa Amorim Vieira

Emilia Mendes

Fábio Bonfim Duarte

Luis Alberto Brandão

Maria Cândida Seabra

Sônia Queiroz

Capa e projeto gráfico

Glória Campos

(Mangá Ilustração e Design Gráfico)

Preparação de originais

Beatriz Cristeli do Vale

Kevin Augusto Costa

Revisão

Kevin Augusto Costa

Diagramação

Beatriz Cristeli do Vale

Revisão de provas

Alex Mendes

Amanda Carvalho

Beatriz Cristeli do Vale

ISBN

978-65-87237-86-2 (digital)

978-65-87237-87-9 (impresso)

Endereço para correspondência

Labed – Laboratório de Edição

Fale/UFMG

Av. Antônio Carlos, 6.627

sala 4083

31270-901

Belo Horizonte/MG

e-mail: originais.labed@gmail.com

site: <https://labed-letras-ufmg.com.br/>

Instagram: @labed_ufmg

Sumário

5 Palavras iniciais

Antônio Martinez de Rezende
Heloísa Maria Moraes Moreira Penna
Sandra Gualberto Braga Bianchet

9 Contexto histórico e vida de Albertano de Bréscia

Letícia Campos
Paulina Praxedes

15 Como surgiu a ideia desse livro?

Heloísa Maria Moraes Moreira Penna

19 Ars loquendi et tacendi

Albertano de Bréscia

39 Arte de falar e de calar

Albertano de Bréscia

67 Referências das citações do texto

73 Das fontes laicas presentes no texto de Albertano

79 Dos textos bíblicos e de seus autores

85 Sobre os autores



Xilografia do livro de Anton Sorg (1490) em que se publicou *Lehre und Unterweisung* ("Ensino e instruções") de Albertano de Brécia.
Fonte: <https://bit.ly/4c6fYKY>

Palavras iniciais

O título da obra, *Ars loquendi et tacendi* (Arte de falar e de calar), se constrói por dois conceitos antitéticos, inconciliáveis a princípio, mas que o autor, Albertano de Bréscia, procura tornar complementares entre si, indispensáveis. O princípio que ordena esses conceitos pode ser compreendido à semelhança de uma interação discursiva em que um dos atores, para constituir-se como o EU, precisa, necessariamente, do silêncio do TU. Da mesma maneira, o TU, para aceder à condição de EU, precisa que o outro lhe ceda a palavra.

No entanto, percebemos que o autor vai além desse padrão dicotômico, pois, em última instância, o *tacendi* a que se refere não quer dizer propriamente o "calar-se". Antes de mais nada, é esse o momento do silêncio em que se concebe "o quê", "por quê", "quando", "como" se vai dizer. Parece lícito pensar que o *tacere* passe a equivaler a uma competência linguística qualitativamente eficiente, a ser externada em um desempenho deliberadamente controlado, não somente pelo domínio do código linguístico, mas também moralmente responsável pelos conteúdos que não de ser veiculados.

Para elaborar seu texto, que pretende ser um diálogo de pai com filho, o autor recorre, num percurso de muitos séculos, às mais diferentes obras literárias, de diferentes épocas e de concepções filosóficas distintas. Assim é que ele põe em interação Cícero e Alcuíno; filósofos gregos e autores bíblicos; poetas latinos e autores de regras monásticas. Esse procedimento nos parece altamente sugestivo, pois encaminha a

reflexão a respeito das possibilidades da construção discursiva, ou de como se pode colocar em diálogo, em interação, o que, à primeira vista, estaria em conflito.

Essa leitura enquadra-se na concepção de enunciação constituída como uma relação entre enunciador e enunciatário, nem sempre explícitos, mas sempre pressupostos, sempre construídos pelo discurso.

Além do aspecto, aparentemente, dicotômico dos verbos “falar” e “calar”, presentes no título da obra, chama-nos especial atenção o substantivo *Ars* que os antecede. Partindo do pressuposto de que se trata de algo que pode ser aprendido – daí a designação de *ARS* (arte, técnica), e não de *INGENIVM* (talento, dom natural) –, Albertano busca ensinar ao filho a justa medida entre o dizer e o calar-se. Tal justa medida se torna importante não apenas para o poder ouvir, mas também, e principalmente, para o saber dizer. A partir da premissa de que o alcance dessa habilidade não é tarefa fácil, Albertano avança sua exposição acerca dos seis elementos (*puncta*) que devem ser levados em consideração antes do dizer, ou seja, durante o calar-se: alguém (*quis*) deve necessariamente dizer alguma coisa (*quid*) a alguém (*cui*), por algum motivo (*cur*), de alguma maneira (*quomodo*), em algum momento (*quando*).

A obra, composta basicamente por centenas de citações de autores em cuja autoridade Albertano se apoia, apresenta caráter nitidamente enciclopédico, em que o autor demonstra extrema erudição. As citações, algumas de autoria identificada pelo próprio autor, funcionam como *exempla*, de modo a exprimir um ponto de vista a se admirar e seguir. São máximas alheias, pacientemente compiladas, mais facilmente conserváveis na memória em função de sua sonoridade e integridade semântica, que exercem ação pedagógica e cumprem a função de diretriz espiritual. Trata-se, pois, de citações *verbatim* (palavra por palavra), que fazem lembrar uma colcha de retalhos, em que partes/trechos inconciliáveis na linha do tempo passam a compor um todo harmônico.

O tipo de organização textual empregado por Albertano muito se assemelha ao gênero epistolar, bastante difundido na Antiguidade, destinado a um interlocutor, seja fictício (epístolas teóricas), seja real (cartas familiares). Assim é que Cícero e Sêneca, autores de célebres cartas a amigos e familiares, são especialmente referenciados.

As cartas expressam uma forma amadurecida de pensamento, contêm uma soma de reflexões sobre enorme variedade de problemas, na sua totalidade de caráter ético. Essas reflexões, conquanto assentes num quadro teórico perfeitamente delimitado e coerente, são revestidas de um caráter extremamente prático, isto é, constituem uma análise de situações concretas e de apreciações de grande agudeza sobre a natureza e o comportamento humanos. A natureza do problema suscitado e discutido se reveste de uma pertinência transcendente à época em que foi redigida e oferece uma viva fonte de meditação para quem pretende questionar-se sobre os valores da sociedade em que se insere.

Outro traço especialmente interessante do tratado/carta de Albertano é seu imbricado sistema de tessitura, que permite identificar que os seis elementos colocados em foco pelo autor como essenciais para a decisão entre o calar-se e o dizer têm pesos diferentes em seu próprio ponto de vista. Em uma escala de importância, poder-se-ia afirmar que, acima de tudo, sobressalta o *QVID* – o que é dito e que vale a pena ser guardado na memória, ou nas páginas escritas de um livro. Em seguida ganha relevância o *QVIS*, já que Albertano faz questão de identificar os autores de boa parte das citações. E, em uma escala de baixa prioridade, que pode alterar-se em função das duas anteriores, se encontrariam os demais elementos: *CVI*, *CVR*, *QVOMODO*, *QVANDO*, tendo em vista que as citações são deslocadas no tempo e a elas um novo lugar é oferecido.

Por fim, vale a pena destacar que, por ser um texto didático, essa obra de Albertano lança mão de diversos saberes sobre a arte de falar e de calar na Antiguidade, e as citações bíblicas e os excertos de autores de regras monásticas abundam em conformidade com o espírito religioso e erudito do autor. Auxílio de tal ordem em um “Livro sobre a doutrina do falar e do calar” (*Liber de Doctrina Loquendi et Tacendi*) faz-nos pensar no papel inspirador das Musas nas grandes composições literárias, já que domar a língua é uma tarefa sobre-humana. Em razão da estrutura e objetivo do *Ars loquendi et tacendi*, as passagens foram selecionadas preferencialmente dos Livros Sapienciais da Bíblia: Eclesiástico, Provérbios, Salmos e Sabedoria, com destaque para o Eclesiástico, em que a autoridade do rei Salomão é evidenciada. Segundo Albertano, temperar o “falar” e o “calar” é uma arte que exige normas, exatamente o suporte

que pode ser encontrado nesse conjunto bíblico. Encontrar o “tempo do falar e o tempo do calar-se”¹ é tarefa que exige conhecimento, bom senso e paciência. O objetivo do autor do *Ars loquendi et tacendi* é legar aos leitores, aqui representados pelos parentes próximos, uma doutrina: “a ti (Stephano) e aos teus outros irmãos eruditos, de modo breve, esta instrução sobre o falar, ou sobre o calar”², para orientação e constante consulta: um verdadeiro “livro de cabeceira”. Nesse sentido a obra se aproxima do livro de Eclesiástico, de Jesus, filho de Siraque, que escreveu seu texto para o povo, com o intuito de “restaurar a sabedoria”. O livro dos Provérbios, com suas sentenças morais, tem oportuna aplicação no texto de Albertano, na construção de uma série de regras seguras para o bem falar e calar.

O que chama atenção no presente texto é o diálogo estabelecido entre os autores de épocas e concepções distintas, evidenciando uma universalidade de atitudes e pensamentos, além de revelar a fácil tessitura de uma composição por um erudito e hábil escritor. Esse estreito contato atemporal só se torna possível quando se pensa na obra, parafraseando Horácio, como um “monumento mais duradouro que o bronze”³, lida e interpretada por várias gerações, mantendo sempre a essência de seu significado, o que é típico de uma obra clássica.

Prof. Antônio Martinez de Rezende

Profa. Heloísa Maria Moraes Moreira Penna

*Profa. Sandra Gualberto Braga Bianchet*⁴

¹ No latim: *tempus dicendi et tempus tacend*. BRÉSCIA. *Ars loquendi et tacendi*.

² No latim: *doctrinam super loquendo uel tacendo, breuiter comprehensam, tibi (Stephano) et aliis fratribus litteratis*. BRÉSCIA. *Ars loquendi et tacendi*.

³ No latim: *monumentum aere perenius*. HORÁCIO. *Carmina*. Ode III, s. 30, v. 1. [S. I.], [20--]. Disponível em: <https://acesse.dev/OVgi1>. Acesso em: 23 set. 2023.

⁴ Professores de latim da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais. Em 2011, em Santiago do Chile, apresentaram comunicação sobre esse texto, no XII *Encuentro Internacional de Estudios Clásicos Naturaleza y Sentido del Silencio en la Antigüedad Clásica* – UMCE.

Contexto histórico e vida de Albertano de Bréscia

Letícia Campos
Paulina Praxedes

Albertano de Bréscia foi um jurista, filósofo, magistrado e político italiano que nasceu por volta de 1195 e morreu em 1251. É autor dos tratados como: *De amore et dilectione Dei et proximi et aliarum rerum et de forma vitae* (1238)¹, *Ars loquendi et tacendi* (1245)² e *Liber Consolationis et Consilii* (1246)³, os quais dedicou aos seus filhos Giovanni, Stefano e Vincenzo.

O século em que Albertano atuou como jurista foi o período em que a Igreja exercia grande poder. A influência católica conseguiu estabilidade devido à diminuição dos conflitos e das barbáries dos povos antepassados, resultando assim em um ambiente de grande ascensão e glória humana depois de tanta violência. Segundo França, "O século XIII foi o período mais brilhante da Idade Média, e, talvez, o mais glorioso na história do gênero humano. Em nenhuma outra época foi a influência da Igreja mais vasta, mais profunda, mais eficaz"⁴. Nesse contexto, a erudição se fez importante, e muito da arte medieval aí pode ser encontrada. Houve nesse período a instituição das universidades. A cristandade não só promoveu o desenvolvimento da ciência sagrada, mas deu vida à instituição destinada especificamente a desenvolver a ciência e a difundir

¹ Tradução própria: *Sobre o amor e a afeição de Deus e do próximo e de outras questões relativas à forma de viver.*

² Tradução própria: *Arte de falar e de calar.*

³ Tradução própria: *Livro de consolação e conselho.*

⁴ FRANÇA. Capítulo II: segundo período da filosofia medieval (século XIII), não paginado.

a cultura superior. As universidades surgiram com o impulso da Igreja, sendo as primeiras e principais as de Paris, Oxford, Bolonha e Salamanca.

Nosso personagem foi um filósofo proveniente da comuna italiana de Bréscia que pertencia a uma família de estirpe popular, isento de berço nobre. Sua notoriedade ante a população se deve pelo fato de Albertano ter servido à corte de diversos governantes e à administração pública de diversas cidades, como Gênova, por exemplo. Devido a sua influência política, construiu uma reputação de respeito entre seus conterrâneos sendo escolhido pelos cidadãos de Bréscia para comandar a defesa do castelo de Gavardo das investidas do imperador Frederico II, em 1237.

O castelo de Gavardo era um feudo pertencente à Igreja e foi ocupado pela comuna de Bréscia como principal ponto de defesa contra as invasões do exército imperial. Por duas vezes essa comuna, com outras 25, lutou contra a tentativa do Sacro Império Romano-Germânico de exercer total controle de toda a região padana⁵.

Nos anos de 1220-1250, o Imperador Frederico II reinava na Itália. Além de ser o imperador, era também o rei, pois, na Idade Média, o Império Romano passava por uma mudança política e se estabelecia como reino. Sendo assim, Frederico II foi também rei da Sicília e de Jerusalém, devido às expansões do Império, que abrangia também o Oriente Médio.

Nesse período histórico, como em outros momentos do passado cristão, a Igreja se viu ameaçada por grupos que propagavam here-sias. O poder civil, ativo perseguidor dos hereges, e o próprio Imperador Frederico II, grande adversário do pontificado, promulgaram em 1220 uma Constituição oferecendo-se à Igreja como braço secular e estabelecendo a morte na fogueira aos hereges. Camacho, citando Nalchman, ao dissertar sobre uma das principais preocupações da Igreja, no século XIII, que era, segundo ele, o avanço da heresia que fazia frente à hegemonia da fé católica no Ocidente, especifica dois grupos de hereges:

Dos grupos heréticos que mais se destacaram na cristandade Ocidental entre os séculos XII e XIII, destacamos os cátaros, também conhecidos como albigenses, pelo fato de terem sua origem na região de Albi no Sul da França [...] e os valdenses, liderados por

⁵ Mais informações sobre a formação da Liga Lombarda, na Itália, podem ser obtidas em Lombard Ligue. *In*: ENCYCLOPÆDIA BRITANNICA.

Pedro Valdo, um rico mercador que renuncia uma vida de riqueza para se dedicar à pregação e a uma vida espiritual [...]»⁶.

Tornou-se, assim, proeminente a figura do juiz, junto à Igreja, e sua função não era exatamente determinar ordens sobre o povo, mas instruí-los e levá-los a desenvolver ética social. Por ser uma posição de prestígio, normalmente esses juízes eram escolhidos dentre os nobres e amigos do clero ou dentre aqueles mais próximos dos ideais da Igreja. Assim, com esse tribunal constituído, muitos hereges foram presos e castigados.

Diferentemente do senso comum, a Idade Média não pode ser considerada cruel ao extremo⁷, pois, para tal julgamento, deve-se pensar no contexto da época, nos princípios veiculados na sociedade e nos ideais defendidos pela população que, por exemplo, exigia firmeza nas decisões políticas, religiosas e militares e, se necessário, guerras. Nessa situação, Albertano atuava como juiz de Bréscia, o que se revelou marcante em sua vida. Segundo Ribeiro:

Albertano foi notário (*notarius*) e esta função frequentemente se acumulava com a de juiz (*iudex*) ou era, até mesmo, sinônimo dela, entendido aqui não como um árbitro, alguém que julga, mas como um assessor do verdadeiro árbitro, o potentado, e responsável por aconselhá-lo e por despachar as suas sentenças⁸.

O imperador Frederico II ao tentar tomar Bréscia, entrou em conflito com o Papa Alexandre III. No alvoroço que se desencadeou, Albertano foi preso. Durante sua prisão em Cremona, em 1238, concluiu seu primeiro tratado, *Sobre o amor e a afeição de Deus e do próximo e de outras questões relativas à forma de viver (De Amore et Dilectione Dei et Proximi et Aliarum Rerum et de Forma Vitae)*⁹. Após liberado da prisão,

⁶ NALCHMAN. *As heresias medievais apud* CAMACHO. *Alethéia Revista de Estudos sobre Antiguidade e Medievo*, p. 27.

⁷ São Tomás de Aquino, citado por França (Capítulo II: segundo período da filosofia medieval (século XIII), não paginado), escreve, em defesa do período e da Igreja, que "Como felizmente já vai longe o tempo em que se acoviava indistintamente de obscurantista toda a Idade Média! Que clarões de luz não projetou sobre o grande século cristão a história imparcial e pesquisadora dos fatos e documentos! Historiadores que se prezam são hoje unânimes em afirmar a necessidade da reabilitação, ainda científica, desta época tão malsinada e caluniada por quem tinha interesse em mostrar às turbas, na Igreja católica, a inimiga das luzes e dos progressos".

⁸ RIBEIRO. *Revista Crítica Histórica*, p. 5.

⁹ Para mais informações sobre a vida de Albertano de Bréscia cf. *Diccionario biografico degli Italiani*, disponível: em www.treccani.it. Acesso em: 07 ago. 2024.

viveu um período de profícua produção literária quando escreveu *Ars loquendi et tacendi* (1245), *Liber Consolationis et Consilii* (1246) e cinco *Sermones* (1243-1250).

Albertano era um franciscano, quer dizer, ele pertencia à *Ordo Fratrum Minorium*¹⁰ (OFM). Essa ordem religiosa foi fundada por São Francisco de Assis durante o pontificado de Inocêncio III, e paralelamente ao seu surgimento, a Ordem dos Frades Pregadores foi fundada por Domingos de Gusmão.

Segundo Ribeiro¹¹ o fato de Albertano bresciano ter sido um franciscano e ter estudado na Universidade de Bolonha influenciou na temática de seus tratados e sermões. De fato, seus escritos tinham, fundamentalmente, o objetivo de educar cidadãos, o que justifica neles a presença constante de palavras como “amor”, “justiça”, “prudência” e “sensibilidade”.

Os sermões de Albertano eram proferidos oralmente e transcritos posteriormente ou durante o discurso, mas em alguns casos acabavam por ser escritos antes do proferimento oral. O erudito juiz de Bréscia demonstrava ter muita preocupação com o bom funcionamento da justiça e com os dissensos internos de sua cidade. Através do tratado retórico que o presente trabalho traduziu, *Arte de falar e de calar (Ars loquendi et tacendi)*, pode-se perceber que, além das preocupações relacionadas à cidade que foram citadas anteriormente, Albertano também se preocupava com o exercício oratório, entendido como ferramenta de negociação, de compreensão mútua, de estratégia de entendimento entre os homens. É importante salientar que as preocupações do filósofo e suas sugestões de soluções pacíficas por meio da palavra certa, no momento adequado e em boa medida se complementam, porque

Muito comumente, quando precisamos defender uma ideia, valemos nos da argumentação. *Argumentar é o meio civilizado, educado e potente de constituir um discurso que se insurja contra a força, a violência, o autoritarismo e se prova eficaz (persuasivo e convincente) numa situação de antagonismos declarados*¹².

¹⁰ Ordem dos Frades Menores.

¹¹ RIBEIRO. *Revista Crítica Histórica*, p. 5.

¹² FERREIRA. *Leitura e persuasão: princípios de análise retórica*, p. 14, grifo nosso.

Ou seja, a retórica, com sua argumentação, funciona como uma espécie de recurso à violência. Ela evita conflitos violentos gerados pelo extremo dissenso que pode prejudicar a paz da cidade. Em seu tratado retórico pode-se perceber que muito mais importante que o saber falar, é saber calar-se. Isto é, muitas vezes ficar calado pode ser sinônimo de eloquência e de sabedoria, mais do que quando se fala.

A data provável de sua morte seria 1270, pois, após 1253, não se tem notícia documental a seu respeito, segundo o dicionário Treccani. Na ocasião de seu passamento, seus ideais estavam em ascensão, como a liberdade social e a transformação da sociedade por meio de atitudes pessoais e contribuição com o Governo da época. As reformas e novas constituições passaram por várias mutações posteriormente, com um lento processo e ainda sob jurisdição da Igreja Católica, o que perdurou por toda a Idade Média.

Referências

CAMACHO, Victor Mariano. Considerações sobre a construção da santidade franciscana no início do século XIII. *Alethéia Revista de Estudos sobre Antiguidade e Medievo*, v. 9, n. 1, p. 23-39, 2014.

FERREIRA, Luiz Antonio. O espaço retórico. In: FERREIRA, Luiz Antonio. *Leitura e persuasão: princípios de análise retórica*. São Paulo: Contexto, 2010.

FRANÇA, Padre Leonel. Capítulo II: segundo período da filosofia medieval (século XIII). In: FRANÇA, Padre Leonel. *Noções de História da Filosofia (1918)*. Consciência.org, 2010. Disponível em: <https://acesse.dev/TPxmY>. Acesso em: 07 jan. 2022.

GUERRINI, Paolo. Albertano da Bréscia. In: GHISALBERTI, Alberto M. (ed.). *Dizionario biografico degli italiani*. Roma: Istituto della Enciclopedia italiana, 1960. Volume 1. Disponível em: www.treccani.it. Acesso em: 18 ago. 2019.

LOMBARD LEAGUE. In: ENCYCLOPÆDIA BRITANNICA. *Encyclopædia Britannica: c2022*. Disponível em: www.britannica.com. Acesso em: 07 jan. 2022.

MONTEVERDI, Angelo. *Albertano da Bréscia*. In: TRECCANI. *Enciclopedia Italiana*, 1929. Disponível em: <https://l1nq.com/OPUSY>. Acesso em: 07 jan. 2022.

RIBEIRO, Felipe Augusto. Liberdade e república na retórica do “pré-humanismo” italiano: um estudo sobre as obras do notário Albertano de Bréscia (1195-1251) e do dominicano Remigio dei Girolami (1247-1319). *Revista Crítica Histórica*, Maceió, ano VII, n. 14, 2016.

STOCCHI, Manlio Pastore. Albertano da Bréscia. In: TRECCANI. *Enciclopedia Dantesca (1970)*. Disponível em: <https://l1nq.com/uFinl>. Acesso em: 07 jan. 2022.

Como surgiu a ideia desse livro?

Profa. Heloísa Maria Moraes Moreira Penna

O início

Quatro alunos da disciplina Língua Estrangeira: Latim me procuraram, em meados do segundo semestre de 2018, interessados em participar de um projeto de Iniciação Científica. Embora alunos ainda do segundo período da Letras, dois deles já tinham estudado os fundamentos do latim. Resolvi, então, apresentá-los o texto *Ars loquendi et tacendi*, selecionado de antemão para um futuro projeto de tradução e publicação. A aceitação foi imediata: lhes interessava o tema, a época em que o texto fora escrito e o tamanho, ideal para uma Iniciação Científica de um ano. Esse texto me chegou às mãos pelo prof. Antônio Martinez, hábil escavador, na internet, de providenciais textos em latim, com a finalidade de leitura e análise para apresentação de comunicação no XII *Encuentro Internacional de Estudios Clásicos Naturaleza y Sentido del Silencio en la Antigüedad Clásica* – UMCE, em 2011, no Chile. Nesse evento, participei de uma mesa redonda com os profs. drs. Antônio Martinez de Rezende e Sandra Maria Gualberto Braga Bianchet que também produziram suas comunicações a partir desse livro de Albertano.

O trabalho

Iniciamos assim, em 2018, a tradução completa do *Ars loquendi et tacendi* e a completamos no espaço de um ano, final de 2019. Em 2020, com o advento da pandemia, e o conseqüente distanciamento social, o trabalho ficou “em espera” até que organizássemos as atividades acadêmicas

da Faculdade de Letras na modalidade de Ensino Remoto Emergencial. “Assentada a poeira” dos acontecimentos repentinos, nos voltamos para a conclusão do projeto, e procedemos a diversas revisões, principalmente da tradução, até a entrega para a coleção Viva Voz do Labeled, da Faculdade de Letras da UFMG.

Dos quatro alunos envolvidos no projeto, dois se encarregaram da tradução, sob minha supervisão, e duas alunas se dedicaram à pesquisa sobre o autor e suas fontes. Pedi aos profs. Antônio e Sandra a licença para utilizar parte dos textos da apresentação deles, no Chile, a que incluí parte da minha comunicação. Assim, nossa publicação ficou organizada da seguinte forma: a) “Palavras iniciais” de três professores de latim da Fale/UFMG, em que se ressaltam as principais características desse manual da arte de falar e de calar; b) “Contexto histórico e vida de Albertano de Brécia”, escrito por duas alunas da Iniciação Científica (Letícia Campos e Paulina Praxedes), em que o ambiente político e social, vivido pelo bresciano, se mostra significativo para moldar seu *ethos* literário; c) Texto em latim do site *Documenta Catholica Omnia*¹; d) Tradução para o português pelos alunos Gustavo Lamounier Miranda e Mateus de Oliveira Aredes; e) Notas de fim, com os títulos das obras citadas e sem identificação no corpo do texto; f) fontes literárias; e g) fontes bíblicas, com títulos dos livros, versículos da citação e informações dos respectivos autores.

A tradução

Por se tratar de um texto, escrito no latim do século XIII, embora muito próximo do latim padrão de Roma, presente nas gramáticas e nos textos dos consagrados autores, a tradução não apresentou grandes dificuldades para os alunos, aprendizes do latim clássico do I século a.C. É importante ressaltar ainda com Norberg², que, “Em toda a Europa ocidental, o latim era a base da educação, seja qual fosse a língua nacional”³, mas certamente os textos da época medieval, após o ano 1000, não deixam de ter, em sua organização, traços românicos, pois as línguas nacionais já

¹ DOCUMENTA CATHOLICA OMNIA. C2006.

² NORBERG. *Manual prático de latim medieval*, p. 89.

³ Para mais informação sobre a situação do latim na Idade Média cf. NORBERG. *Manual prático de latim medieval*.

havam se formado e estavam em luta para reconhecimento de seu valor como língua literária. Assim, textos como o do bresciano, prosas escritas a partir das regras gramaticais e, por isso, próximas da língua e do estilo de seus modelos latinos antigos, circularam largamente e foram frequentemente copiados e citados exatamente porque foram escritos em latim.

Sobre o estilo de Albertano de Bréscia, pode-se dizer que ele se exprime com simplicidade e clareza. Seu texto é formado de várias citações e há pouco espaço para sua própria dissertação. As orações, em sua maioria, são curtas e coordenadas, e o vocabulário, muitas vezes haurido do discurso jurídico, área de formação do bresciano. Não há grandes inversões na ordem direta da oração no texto do autor e se, ao traduzir, fizemos algumas mudanças de posicionamento de expressões, foi para dar maior fluência na língua de chegada.

A opção foi pela tradução mais próxima possível do sentido do texto. Assim, acompanhando o texto de Albertano linha a linha, expressão por expressão, buscou-se o significado mais coerente das palavras no contexto, para produção de um texto fluente e bem inteligível em português. Optou-se ainda por conservar o emprego das segundas pessoas verbais nos pronomes, o que, segundo nosso parecer, se aproximava mais da solenidade dos textos citados, cuja grande quantidade eram bíblicos. Principalmente nas citações do Livro Sagrado, recorreu-se muitas vezes a traduções em português e em língua estrangeira para efeito de comparação, entendimento do contexto de onde fora extraído o versículo e aperfeiçoamento da própria tradução.

O texto *Ars loquendi et tacendi* está em domínio público na internet em vários sites⁴. Para a tradução, ora apresentada, o texto latino utilizado foi o do site Academia.Edu⁵. Observo que as notas de rodapé do texto em latim foram transformadas em notas de fim como uma solução para melhor apresentação do texto na página. Também não traduzimos as partes entre colchetes porque, segundo a nota no cabeçalho, “não aparecem na edição de Navone e podem ser interpolações posteriores”⁶, além disso, a nosso ver, não acrescentariam informação pertinente à tradução do texto de Albertano.

⁴ ACADEMIA.EDU; DOCUMENTA CATHOLICA OMNIA; COLORADO MESA UNIVERSITY.

⁵ BRÉSCIA. *Ars loquendi et tacendi*.

⁶ Cabeçalho do texto em latim, no site: <https://11nq.com/cday1>. Acesso em: 11 jan. 2022.

Referências

ACADEMIA.EDU. San Francisco, c2024. Disponível em: www.academia.edu. Acesso em: 11 jan. 2022.

BRÉSCIA, Albertano. *Ars loquendi et tacendi*. In: ACADEMIA.EDU. Angus Graham, 2020. Disponível em: <https://l1nq.com/cday1>. Acesso em: 11 jan. 2022.

COLORADO MESA UNIVERSITY. Grand Junction, CO, c2024. Disponível em: <https://acesse.dev/zxjvj>. Acesso em: 11 jan. 2022.

DOCUMENTA CATHOLICA OMNIA. [S. l], c2006. Disponível em: documenta-catholica.eu. Acesso em: 11 jan. 2022.

NORBERG, Dag. *Manual prático de latim medieval*. Tradução de José Pereira da Silva. Rio de Janeiro: CIFEFIL, 2007. Volume I – breve história do latim medieval.

Ars loquendi et tacendi¹

Albertano de Brécia

Quoniam in dicendo multi errant, nec est aliquis, qui linguam suam ad plenum valeat domare, beato Jacobo hoc testante, qui dicit: Natura bestiarum et serpentum, volucrum et ceterorum domatur a natura humana; sed linguam nemo domare potest^[1]: ideo ego, Albertanus, brevem doctrinam super dicendo atque tacendo, uno versiculo comprehensam, tibi filio meo, Stephano, tradere curavi. Versiculus hic est:

Quis, quid, cui dicas, cur, quomodo, quando, requiras.

Verum quia hæc verba, in hoc versiculo comprehensa, ponderosa sunt et generalia, et generalitas parit obscuritatem [– ut Digestis, *De Jure Fiscis*, L. *Ita fidei* –] ideo illa exponere, ac pro modulo meæ scientiæ, licet non ad plenum, proposui delucidare^[2].

Tu igitur, fili carissime, quum loqui desideras, a temet ipso incipere debes, ad exemplum galli, qui antequam cantet, ter se cum alis percutit in principio. Itaque antequam spiritus ad os tuum verba producat, te ipsum et omnia verba in hoc versiculo posita requiras. Dico tibi, ut non solum quæras a te ipso, sed requiras, id est iterum quæras; nam istud reiterationem denotat, ut dicas *requiras*, id est iterum quæras. Sicut enim repetere dicitur quis, hoc est iterum petere, ita requirere dicitur quis, id est iterum quærere.

¹ “Partes dos textos registrados abaixo e que estão entre colchetes não aparecem na edição de Navone e podem ser interpolações posteriores”. Tradução própria. No original: *Note: portions of text given here below that are contained within square brackets do not appear in Navone’s edition and may be later interpolations* – A.G. Disponível em: <https://l1nq.com/cday1>. Acesso em: 11 jan. 2022.

I. *Qui es qui loqueris habet quinque puncta*

Primum punctum. Tu requires in animo tuo, quis es, qui loqui velis: utrum istud dictum ad te pertineat vel non. Si non, illi dicto te immiscere non debes. Sicut enim per leges culpa est immiscere se rei non ad se pertinenti^[3], ut dicit regula juris: ita culpa est loqui istud, quod ad se non pertineat^[4]. Unde Salomo in Proverbiis dixit: Sicut qui apprehendit auribus canem, ita qui transit et impatiens commiscetur alterius rixæ^[5].

Et Jesus filius Sidrach dixit: De ea re, quæ te non molestat, ne certaveris^[6]. [Unde quidam:

Quod te non tangit, hoc te nullatenus angit^[7].

Quæ res tibi summopere notanda est, quoniam si de rebus ad te non pertinentibus minime curaveris, magnam cordis et animi tranquillitatem tibi comparabis; quod egregie dicit metrista quidam:

Pacificat multum de paucis sumere cultum^[8].

Secundum punctum. Requiras te ipsum a te ipso, an aliqua perturbatione animi captus sis, scilicet ira, odio vel invidia, aut sis ab animi passionibus alienus.] Nam si turbatus animus tuus fuerit, a loquendo abstinere debebis, et motus animi turbatos cohibebis. Ait enim Tullius: Virtus est cohibere motus animi turbatos, ac appetitus obedientes efficere rationi^[9]: et ideo tacere debet iratus, quia, ut ait Seneca:

Iratus nihil nisi criminis loquitur loco^[10].

Quare dixit Catho:

Iratus de re incerta contendere noli:

Impedit ira animum, ne possit cernere verum^[11].

Et alius dixit: "Lex videt iratum, iratus non videt illam^[12]." Et Ovidius:

Vince animos iramque tuam, qui cetera vincis^[13].

Inde et Tullius dixit: Ira procul absit, cum qua nil recte fieri, nil considerate potest^[14]. Quæ in aliqua perturbatione fiunt, ea nec constanter fieri possunt, nec ab his, qui adsunt, approbari^[15]. [Vides ergo quanta mala faciunt in homine passiones istæ, ira, odium, invidia, amore, tristitia, libido. Ait enim Salustius: Omnes homines, qui de rebus dubiis consultant, ab odio, amicitia, ira atque misericordia vacuos esse decet; quoniam non facile animus verum providet, ubi hæc officiunt^[16].

Quare animus his passionibus turbatus non verum videt, quia sunt morbi animi ipsum excæcantes; quod egregie testatur] Petrus Alfonsius

dicens: Natura hoc habet humana, ut, animo quoquo pacto conturbato, in vero falsoque discernendo discretionis careat oculo^[17]. Et si de ira, irato atque iracundo scire volueris, lege in libro, quem composui, *De Amore Et Dilectione Dei Et Aliarum Rerum, Et De Forma Vitæ*, in titulo *De Amicitia Iracundi Hominis Vitanda*.

Etiam certe cavere debes, ne voluntas dicendi intantum te moveat atque ad dicendum inducat, quod appetitus tuus rationi non consentiat. Ait enim Salomo: Sicut urbs patens et sine murorum ambitu, ita vir, qui non potest cohibere spiritum suum in loquendo^[18]. Inde etiam dici consuevit: "Tacere qui nescit, loqui nescit^[19]." Nam et quidam sapiens interrogatus, cur tantum taceret, an quia stultus esset, respondit: "Stultus tacere non potest^[20]." Alibi Salomo dixit: Aurum tuum et argentum tuum confla, et verbis tuis facito stateram, et impone ori tuo frenos rectos, et attende ne forte labaris in lingua et sit casus tuus insanabilis in morte^[21]. Et iterum idem ait: Qui custodit os suum, custodit animam suam: qui autem inconsideratus est ad loquendum, sentiet mala^[22]. Et etiam Catho dixit:

Virtutem primam puta compescere linguam:

Proximus ille Deo, qui scit ratione tacere^[23].

Tertium punctum. Requiras te ipsum et a te ipso in animo tuo recogites, quis es qui alium reprehendere vis vel aliis dicere vel utrum de simili dicto vel facto valeas reprehendi. Nam dixit beatus Paulus in Epistola ad Romanos: inexcusabilis es, o homo, qui iudicas; nam te ipsum condemnes, si eadem agas, quæ iudicas^[24]. Et in eadem epistola subdit: Qui ergo alium doces, te ipsum non doces: qui prædicas non furandum, furaris: qui dicis non mœchandum, mœcharis: qui abominaris idola, sacrilegium facis: Deum inhonoras^[25]. Et Catho dixit:

Quæ culpæ soles, ea tu ne feceris ipse:

Turpe est doctori, quum culpa redarguit ipsum^[26].

Nam bene dicere et mala operari, nihil aliud est, quam se propria voce damnare^[27], ut Augustinus ait. Et alibi idem Catho ait:

Alterius dictum aut factum ne carpseris unquam,

Exemplo simili ne te derideat alter^[28].

[Unde Gregorius ait: Qui bene docet et male vivit, qualiter damnari debet, diu instituit^[29]. Priusquam igitur alium culpes, a vitiis similibus innocens esse cures; quod idem Gregorius confirmavit dicens: Qui alium

arguit de peccatis, a peccatis debet esse alienus^[30], exemplo Christi, qui mulierem in adulterio deprehensam absolvit, et liberavit a pessimis Judæis, qui accusabant et judicabant peccatricem, quum ipsimet scelerosissimi forent. Terreantur hic iudices fornicarii, adulteri, avari, iniusti, tam spirituales quam seculares, de quibus ait Salomo: Judicium durissimum fiet his qui præsent; et sequitur: quoniam potentes potenter tormenta patientur^[31].]

Quartum punctum. Requiras a te ipso intra te, quis es qui dicere velis, utrum bene doctus vel indoctus; etiam quod dicere velis bene sapias, alioquin bene dicere non valeres. Nam quidam sapiens interrogatus, quomodo optime posset dicere, respondit: Si tantummodo dixeris quod bene scieris^[32]. Et Jesus Sidrach: Si est tibi intellectus, responde proximo tuo: sin autem, sit manus tua super os tuum, ne capiaris in verbo indisciplinato, et confundaris^[33].

Quintum punctum. Requiras, quis erit effectus tuæ locutionis; nam quædam ab initio videntur bona, quæ malum effectum habent^[34]. Quæritur non solum principium; sed etiam finem et effectum requirere debes. Unde Pamphilus dixit:

Principium finemque simul prudentia spectat.

Rerum finis habet crimen et omne decus.

Verbi principium, finem quoque conspice verbi,

Ut possis melius præmeditata loqui^[35].

Si autem verbum, quod dicere velis, dubium appareat, utrum bonum effectum habiturum sit an non, silere debes potius quam dicere.

Nam dixit Petrus Alfonsius, qui fuit optimus philosophus: "Si dicere metuas, unde pœniteas, semper est melius non, quam sic."^[36] Sapienti enim magis expedit tacere pro se, quam loqui contra se, quia paucos vel neminem tacendo, multos loquendo circumventos^[37] vidimus, [quod pulchre voluit qui ait:

Nil tacuisse nocet, nocet esse sæpe locutum^[38].]

Verba enim sagittis sunt quasi similia: facile dimittuntur, difficile retrahuntur^[39]; quare dici consuevit:

Evolat, emissum semel, irrevocabile verbum^[40].

[Hoc vult Aristoteles dicens: Quod semel dictum est, amplius resumere non potest^[41].] Ergo in dubiis melius est tacere quam dicere,

sicut et in factis dubiis melius est non facere, quam facere, ut ait Tullius dicens: Bene præceperunt, qui vetant agere, quod dubites æquum an iniquum sit. Aequitas enim per se lucet, dubitatio autem significationem continet injuriæ^[42]. Et alius dixit: Si quid dubites, ne feceris^[43]. Certe omne iudicium, quod dubitatum fuerit, fugito^[44].

Ad intelligentiam et expositionem hujus dictionis *Quis* multa notari possent; sed ista quinque puncta, superius posita, brevitatis causa tibi sufficiant.

II. Sequitur de *quid loqueris*

Prædictis notatis diligenterque cognitis super hac dictione *Quis*, sequitur videre aliqua, expositionis causa, super hac dictione *Quid*, [et habet decem puncta].

Primum punctum. Requiere debes inprimis, utrum verum vel falsum. Ait enim Jesus Sidrach: Ante omnia opera tua verbum verum præcedat te, et ante omnem actum consilium stabile^[45]. Super omnia enim veritas est colenda, quæ sola deo homines proximos^[46], quum ipse Deus veritas sit, ipsomet hoc testante, quum dixit: Ego sum via, veritas et vita^[47]. Si ergo loqui debeas, veritatem omni modo dicas, mendacio doloso penitus fugato. [Unde propheta: Os justi meditabitur sapientiam, lingua ejus loquetur iudicium^[48], id est veritatem vel sententiam veram].

Unde Salomo in Ecclesiastico: Potius diligendus est fur, quam assiduus in mendacio^[49]. Et alius dixit: Acquiesce veritati sive a te prolatae sive tibi oblatae^[50]. Et etiam Cassiodorus: "Pessima consuetudo est despiciere veritatem"^[51] puram, in qua nihil immisceatur falsitatis, nam ut idem ait: Bonum est *verum*, si non aliquid immisceatur aversum^[52]. Idem intelligo etiam de simplici veritate; ait enim Seneca: "Oratio ejus, qui veritati operam dat, incomposita et simplex esse debet"^[53]. Ita ergo veritatem loqui debes, ut dictum tuum habeat pondus jurisjurandi, et nihil intersit inter tuam simplicem assertionem et jusjurandum^[54]. Nam ut ait Seneca: Dictum, quod non habet sine jurejurando pondus, ejus quoque jurisjurandi pondus vile est^[55]. Et iterum idem dixit in libro *De Forma Honestæ Vitæ*: "Nihil tibi intersit, an affirmes, an jures. De religione et fide scias agi, ubicunque de veritate tractatur. Nam etsi jurejurando Deus non invocetur, et invocatus non sit testis, tamen non

transeas veritatem, nec justiciæ transsilias legem. Quod si aliquando cogaris uti mendacio, utere non ad falsitatem, sed ad veri custodiam. Et si contigerit fidelitatem mendacio redimere, non mentieris sed potius excusabis, quia tibi honesta causa est; justus autem secreta non prodit, tacenda enim tacet, loquenda loquitur; atque ita apta illi pax est et secunda tranquillitas^[56]. Veritatem ergo puram dicas et simplicem, et Deum roga, ut verba mendacii longe a te faciat. Nam et Salomo rogavit Deum dicens: "Duo rogavi te, Domine, ne deneges mihi antequam moriar: vanitatem et verba mendacii longe fac a me; [mendicitatem et divitias ne dederis mihi, ne compulsus egestate furer, et perjurem nomen Dei mei^[57].] Et sicut non debes loqui nisi veritatem, ita nec facere. Dixit enim beatus Paulus in Epistola secunda ad Corinthios: "Non enim possumus adversus veritatem loqui, sed pro veritate"^[58]. Et talem veritatem dicas, que tibi credatur, alioquin pro mendacio reputatur; sicut e converso vicem veri obtinet, quod falso creditur, et ideo dixi supra: *dolosum mendacium penitus fugato*. Non est judicandus mendax, qui dicit falsum, quod putat verum; quia, quantum in ipso est, non fallit, sed ipse fallitur^[59]. Econtra mentitur, qui dicit esse verum, quod putat falsum^[60]. Nec est liber a mendacio, qui ore nesciens verum loquitur, sciens autem voluntate mentitur^[61], ut beatus Augustinus dicit. [Unde mens contraria verbis mendax est et pestifera, ut testatur Aesopus:

Omne genus pestis superat mens dissona verbis^[62];

qua quidem peste multi laborant dignitatum cupidi, quod præclare dicit Salustius: Ambitio multos mortales falsos fieri coegit, aliud clausum in pectore, aliud in lingua promptum habere^[63].]

Secundum punctum. Tu requiras, quid dicere vis, utrum sit utile, grave et profitabile, aut sit vanum et inane. Verba enim utilia et virtuosa et profitabilia semper dicere debemus, inania vero penitus silere. Ait enim Seneca – *De Forma Honestæ Vitæ*: Sermo quoque tuus non sit inanis, sed aut consoletur, aut doceat, aut præcipiat, aut moneat^[64]. Et Paulus in Epistola ad Timotheum dixit: Profana et vaniloquia evita^[65].

Tertium punctum. Requiras an dicas, quod rationabile sit, an irrationabile. Rationabilia verba sunt semper dicenda; irrationabilia vero sunt tacenda. Nam quod ratione caret, non potest esse diuturnum. Qui autem rationem secum portat, totum mundum vincit. Unde scriptum

est: "Si vis vincere totum mundum, te subijce rationi"^[66]. "Ratione enim munienda est adolescentia;"^[67] et etiam dici consuevit: Bene adhibita ratio cernit, quid optimum sit, neglecta vero multis implicatur erroribus^[68].

Quartum punctum. Requiras utrum dicas quid asperum vel durum, aut quid molle, dulce vel suave. Dulcia enim verba sunt proferenda, contraria vero tacenda et penitus omittenda. Dixit enim Jesus Sidrach: Tibiæ et psalterium suavem faciunt melodiam, super utraque autem lingua suavis^[69]. Et iterum idem dixit: Verbum dulce multiplicat amicos et mitigat inimicos^[70]. Unde et dici consuevit:

Silva tenet leporem, sapientis lingua leporem^[71].

Et Pamphilus:

Excitat et nutrit facundia dulcis amorem^[72].

Mollia etiam verba et non dura dicenda sunt. Ait enim Salomo: Mollis sermo frangit iram, sermo quoque durus suscitatur furem^[73]. [Hoc idem Tullius præclare dicit: Non facile dictu est, quantopere conciliat animos comitas affabilitasque sermonis^[74].]

Quintum punctum. Requiras an dicas quid pulchrum et honestum, an turpe vel malum; nam pulchra et honesta verba dicenda sunt, turpibus et malis dimissis. Ait enim beatus Paulus in Epistola prima ad Corinthios: Nolite seduci; corrumpunt bonos mores colloquia mala^[75]. Et alibi idem dixit in Epistola ad Ephesios: Omnis sermo malus de ore vestro non procedat^[76]. Et iterum in eadem epistola subdit: Turpitudine aut stultiloquium aut scurrilitas, quæ ad rem non pertinet, non nominetur in vobis, sicut decet sanctos^[77]. Et Seneca dixit – *De Formula Honestæ Vitæ*: A verbis quoque turpibus abstineto, quia licentia eorum imprudentiam nutrit^[78]. Et Salomo dixit: Homo assuetus in verbis improprietatis non erudietur cunctis diebus^[79] vitæ suæ. Sed semper sermo in gratia sale sit conditus, ait enim beatus Paulus in Epistola ad Colossenses: Sermo vester semper in gratia sale sit conditus, ut sciatis, quomodo oporteat unicuique respondere^[80].

Sextum punctum. Requiras, ne quid dicas obscurum vel ambiguum; sed dicere debes clarum et apertum. Dicit enim lex: Nihil interest, neget quis aut taceat, an obscure respondeat quantum ad hoc, ut incertum dimittat interrogantem^[81]. Scriptum est enim: Satius est mutum esse, quam quod nemo intelligat dicere^[82]. Hinc est, ut nemo sophisticè loqui debeat. [Sermo enim sophisticus obscurus est et deceptorius.] Ait enim

Jesus Sidrach: Qui sophisticè loquitur odibilis est: in omni re defraudabitur; non enim data est illi a Deo gratia^[83].

Septimum punctum. Requiras, ne quid injuriosum vel contumeliosum dicas vel facias. Scriptum est enim: "Multis minatur, qui uni facit injuriam"^[84]. Unde Jesus Sidrach dicit: Omnis injuriæ proximi ne memineris, et nihil agas in operibus injuriæ^[85]. Unde Cassiodorus: "Injuria unius compago tota concutitur"^[86]. Et etiam Paulus in Epistola ad Colossenses: Qui enim injuriam facit, accipiet quod iniquum gessit^[87]. Et Seneca in Epistolis: "Ab alio expecta quod alteri feceris"^[88]. Et hoc in alio de qualibet injuria et contumelia et maxime de illa quæ fit sub simulatione boni; ait enim Tullius: "Nulla major aut capitalior est injuria quam eorum, qui tunc quum maxime fallunt, id agunt, ut boni viri esse videantur"^[89]. Injuriæ namque et contumeliæ tam pessimæ sunt, ut non solum cuilibet noceant, sed et etiam civitatibus et regnis, quæ propterea disturbanceiones et mutationes patiuntur. Nam ut ait Jesus Sidrach: "Regnum a gente in gentem transfertur propter injustitias, injurias et contumelias"^[90].

Et non solum a dicendo vel faciendo alteri injuriam cohibere te debes atque cessare, sed etiam alteri volenti dicere vel facere injuriam obsistere debes, si commode potes. Ait enim Tullius in primo libro *De Officiis*: "Duo sunt injustitiæ genera: unum eorum, qui inferunt injuriam, alterum eorum, qui ab his, quibus infertur, si possunt, non propulsant injuriam; et est tam in vitio qui non obstat injurianti, quam si parentes aut patriam aut amicos deserta²."^[91] *Si commode possunt* dixi, quia demum fieri posse dicuntur, quæ commode fieri possunt^[92], ut lex nostra dixit. Si autem alius tibi injuriam dixerit, tacere debes; nam ut ait Augustinus in libro *De Summo Bono*: Gloriosius tacendo est injuriam fugere, quam respondendo superare^[93].

Octavum punctum. Requiras, ne quid irrisorium dicas neque de amico, neque de inimico, neque de quolibet alio; scriptum est enim: Amicum ludere nec joco quidem liceat^[94]; et iterum: "Bonus amicus læsus gravius irascitur"^[95]; inimicus autem propter derisiones de se factas cito ad verba preveniret aut verbera; cuilibet autem irrisio de se facta displicet. Irrisio facit, ut amor inter eos minuat, et secundum regulam

² Original: "deserat".

amoris: "si amor minuatur, cito deficit et raro convalescit."^[96] Et certe propter irrisiones factas cito diceretur tibi, quod nolles audire; nam dixit Salomo: Qui temere manifestat vitia, sua intempestive audiet crimina^[97]. Et Martialis dixit:

Deridens alios non inderisus abibis^[98].

Et iterum idem:

Si rides alium vel si rideris, utrumque

Culpa est, in aure prius turpe, sequens vero magis^[99].

Requiras, ne quid dolosum dicas neque seditiosum. Dixit enim propheta: Disperdat Dominus universa labia dolosa et linguam magniloquam^[100]. [Et idem præclare quærit: Quid detur aut quid apponatur ad linguam dolosam? Et respondet verbo terribili: "Dabuntur acutæ sagittæ potentis Dei cum carbonibus desolatoriis"^[101].] Cavendum tibi summe, ne aliquid seditiosum dixeris; nihil enim perniciosius in civitate, quam seditio: [ubi seditio, ibi civium divisio. Sed ut ait Dominus: Omne regnum in se divisum desolabitur, et domus supra domum cadet^[102].]

Nonum punctum. Requiras, ne quid superbum dicas; nam dixit Salomo: "Ubi fuerit superbia, ibi et contumelia; ubi autem humilitas, ibi sapientia"^[103] simul cum gloria. Et Job: Si ascenderit usque ad cælos superbia, et caput ejus nubes tetigerit, quasi sterquilinum in fine perdetur^[104]. Et Jesus Sidrach dixit: Odibilis est coram Deo et hominibus superbia, et execrabilis omnis iniquitas^[105]. Et iterum: "Objurgatio et injuriæ annullabunt substantiam; et domus, quæ nimis locuples est, annullabitur superbia"^[106]. [Et ita clare patet, quod superbia facit hominem odibilem apud omnes, et destruit omnia quæ possidet dona; quod multum egregie testatur quidam dicens:

Si tibi copia, si sapientia formaque detur,

Sola superbia destruit omnia, si comitetur^[107].]

Decimum punctum. Denique requiras, ne verbum otiosum dicas; scriptum est namque: De omni otioso verbo redditori sumus rationem^[108].

Sit itaque verbum tuum efficax, non inane, rationale, dulce, suave, molle et non durum, pulchrum et non turpe vel malum, et non obscurum, non ambiguum, non sophisticum, non injuriosum nec seditiosum, non irrisorium nec dolosum, non superbum nec otiosum. Hoc denique trado tibi pro regula generali, quod omnia facta, quæ pietatem, caritatem et

verecundiam nostram lædunt, et, ut generaliter dicam, quæ contra bonos mores fiunt, nec nos facere posse credendum est^[109], ut lex nostra dicit. Ergo nec ea dicere debemus; ait enim Socrates: Quæ facere turpe, ea nec dicere honestum puto^[110]. Honesta igitur semper dicere debes, non solum inter extraneos, sed etiam inter tuos. "Nec enim inhonestis verbis inter suos uti debet, qui honestus inter alios esse desiderat, quum in omni parte vitæ honestas pernecessaria sit."^[111] – Et certe licet sint infinita exempla super hoc verbo, quæ ad ejus expositionem et intelligentiam dici possent, sed hæc ad præsens tibi, mi fili, dicta sufficiant.

III. Cui loquendum sit habet puncta septem

Habito tractatu super his duabus dictionibus *Quis* et *Quid*, accedas ad tractatum super hac dictione *Cui*. [Et sunt istius considerationis septem puncta.]

Primum punctum. Quum loqui desideras, requiras cui loquaris, utrum amico vel alteri. Amico loqui bene et certe potes, quia nihil est dulcius, quam habere amicum, cum quo tanquam cum te ipso loquaris^[112]. Non tamen talia loquaris, de quibus propalandis et publicandis timeas, si inimicus postea fieret. Ait enim Seneca in Epistolis: "Sic loquaris cum amicis tanquam deus audiat, et sic vivas cum hominibus tanquam deus videat"^[113]. Et alius: "Sic habeas amicum, ut non timeas ipsum fieri inimicum"^[114]. Unde Petrus Alfonsius, propter amicos non probatos: "Provide tibi semel de inimicis, et millesies de amicis; quia forsam amicus quandoque fiet inimicus, et sic levius poterit perquirere damnun tuum"^[115]. Secretum ergo tuum, de quo non vis, ut sciatur, vel non potes habere consilium, quin reveletur, tibi soli habeas, nullique manifestes.

Ait enim Jesus Sidrach: Amico et inimico noli enarrare sensum tuum, et, si est delictum tuum, noli denudare. Audiet enim te et respicet te, et quasi defendens peccatum tuum subridebit te^[116]. Et alius ait: "Quod secretum esse vis, nemini dicas."^[117] Et alius: Vix existimes ab uno posse celari secretum^[118]. Et alius: Consilium vel secretum tuum absconditum quasi in carcere tuo est reclusum; revelatum vero te in carcere suo tenet ligatum. Quare dixit: Qui consilium suum retinet in corde, sui juris est melius eligere^[119]. "Nam tutius est tacere, quam ut taceat alium rogare. Concordat Seneca: Si tibi ipsi non imperasti, ut taceres, quomodo ab

alio silentium quæris?"^[120] Si autem consilium secretum habere vuleris, amicissimo fideli et probato atque secreto illud committas. Suadet enim Salomo: Multi pacifici sint tibi et consiliarius unus de mille^[121]. Et Catho:

Consilium arcanum tacito committe sodali.

Corporis auxilium medico committe fidelj^[122].

Inimico autem non multum loquaris, nec secreta tua illi detegas. Hoc pulchre docet, qui ait:

Nec confidatis secreta nec detegatis

Cum quibus egistis pugnae discrimina tristis^[123].

Et alibi idem dixit:

Nulla fides hosti tibi sit qui talia nosti.

Prorsus et hostilis tibi sit persuasio vilis^[124].

Et hoc dico tibi, etiam si cum inimico in gratiam redieris. Scriptum est enim: "Cum inimico nemo tuto in gratiam redit."^[125] Vapor enim odii semper latet in pectore inimici. Unde Seneca: "Nunquam, ubi diu fuit ignis, deficit vapor"^[126]. Quare idem ait: Pro amico potius expedit occidi, quam cum inimico vivere^[127]. Unde et Salomo: "Inimico antiquo ne credas in æternum: et si humilis vadat et curvus, non credas illi,"^[128] captus enim est utilitate et non amicitia: revertitur voluntate, ut capiat fugiendo, quæ non potuit prosequendo^[129]. Et alibi idem verbum horribile dicit: In oculis tuis illacrimabitur inimicus, et si viderit tempus, non satiabitur sanguine tuo^[130]. Et Petrus Alfonsius dixit: "Ne associates te inimicis tuis, quum alios poteris reperire socios; quæ enim mala egeris, notabunt; quæ vero bona fiunt, denigrabunt"^[131]. Cum omnibus denique caute loquendum et faciendum est; quia multi creduntur amici, qui re vera sunt inimici. Nam omnes ignotos quasi inimicos suspicandos asserit; ait enim: Non aggrediaris viam cum aliquo, nisi prius eum cognoveris; et si quisquam in via tibi ignotus se associaverit, iterque tuum investigaverit, dic te longius ire quam disposeris. Et si detulerit lanceam, vade a dextris: si ense, vade a sinistris^[132].

Secundum punctum. Requiras, utrum insipienti, an sapienti loquaris. Ait enim Salomo: In auribus insipientium ne loquaris, quia despiciunt doctrinam eloquii tui^[133]. Et iterum: Vir sapiens si cum stulto contenderit, sive irascatur sive rideat, non inveniet requiem^[134]. Et iterum: Non recipit stultus verba prudentiæ, nisi ea dixeris, quæ versantur in corde suo^[135].

Et Jesus Sidrach: Cum dormiente loquitur, qui narrat stulto sapientiam, et in fine narrationis dicit: Quis est hic?^[136]

Tertium punctum. Requiras, ne cum irrisore loquaris. Scriptum est enim: Cum irrisore consortium non habeas: loquelæ ejus assiduitatem quasi toxica fugias. Societas ejus, cui loqueris, est alterna affabilitas^[137]. Et Salomo: Noli arguere irrisorem, ne te oderit: argue sapientem, et diliget te^[138]. Et Seneca dicit: Qui corripit irrisorem, ipse sibi injuriam infert: qui arguit impium, ipse sibi maculam quærit^[139].

Quartum punctum. Requiras ne cum linguoso vel loquaci colloquium habeas, [neque cum cinicis, id est latrantibus et mordacibus.] Ait enim propheta: Vir linguosus non diligitur in terra^[140]. Et Jesus Sidrach dicit: Terribilis est in civitate sua homo linguosus, et temerarius in verbo suo odibilis est^[141]. Et iterum: Qui odit loquacitatem, extinguit malitiam^[142].

Et alibi idem dicit: Cum viro linguoso ne loquaris, in ignem illius ne sternas ligna^[143]. Et alibi idem ait: Nec cum fatuis consilium habeas, non enim possunt diligere, nisi quæ eis placent^[144]. Item cum cinicis non multum loquaris; ait enim Tullius: "Ratio cinicorum penitus abjicienda est"^[145]. *Cinos* græce, latine dicitur *canis*. Inde *cinici* dicuntur latrantes ut canes, de quibus et similibus dicit Dominus: Nolite projicere margaritas inter porcos^[146].

Quintum punctum. Requiras, ne cum malevolis multum contendas. Ait enim Augustinus: Sicut ignis, quanto magis ligna suscepit^[147], semper in majorem flammam erigitur, ita malus homo, quanto magis rationem audierit, semper in majorem malitiam excitabitur. Unde Salomo: In malevolam animam non intrat sapientia^[148]. Quare Catho dixit:

Contra verbosos noli contendere verbis:

Sermo datur cunctis, animi sapientia paucis^[149].

Sextum punctum. Requiras, ne de secretis cum ebrioso vel muliere mala loquaris. Dicit enim Salomon: Nullum secretum est, ubi regnat ebrietas^[150]. Et alius: Garrulitas mulierum id solum novit celare, quod nescit^[151].

Septimum punctum. Denique requiras, quibus audientibus aliquid loquaris. Scriptum est enim:

Prospice te circum, si vis proferre sinistrum,

Ne lateat forsitan qui maledicat idem^[152].

Et certe multa exempla ad expositionem et intelligentiam hujus dictionis *Cui* poni possent; sed ista in præsentī tibi, carissime fili, sufficiant.

IV. *Cur* loquendum sit, requirendum est, et sunt quinque observanda

Nunc accedamus ad expositionem hujus adverbii *Cur*. Et certe istud *Cur* causam requirit.

Requiras ergo tui dicti causam; nam sicut in factis et faciendis causa est requirenda, dicente Seneca: Cujuscunque facti causam require, et quum initia inveneris, exitus cogitabis^[153], – ita quoque in dictis causa est requirenda.

Et sicut sine causa nil agitur, nec mundus fortuitis casibus implicatur^[154], ut Cassiodorus dixit, ita sine causa nil dicere debes. Et sicut in qualibet re composita quadruplex causa reperitur, scilicet efficiens, materialis, formalis atque finalis, ita et in dictis nostris quadruplex causa quandoque reperitur. [Causa materialis continetur sub *Quid*, formalis sub *Quomodo*, causa efficiens sub *Quis*, sed in præsentī loquimur de causa finali, quam causam quærimus per *Cur*.]

Causa igitur finalis tui dicti sit aut pro Dei servitio, aut pro humano commodo, aut pro utroque, aut forte pro amico, aut pro omnibus prædictis.

a. Pro Dei servitio, ut faciunt prædicatores seculares et spirituales.

b. Pro humano commodo, ut causidici et alii oratores. Nam secundum beatum Augustinum licet advocato vendere justam advocationem, et jurisperito vendere justum consilium^[155]. Et hic, quando dicis verba *pro humano commodo*, requiras, quod sit commodum et quale. Debet enim esse pulchrum, non turpe, quia secundum leges turpia lucra sunt ab hominibus propulsanda^[156]. Quare Seneca dicit: "Turpe lucrum vel dispendium fugito"^[157]. Et alius valde præclare ait: "Lucrum cum mala fama damnum est appellandum."^[158] Et alibi scriptum est: "Malem perdisse quam turpiter accepisse."^[159] Debet etiam esse commodum moderatum; componitur enim *commodum* ex *cum* et *modo*. Nam, ut ait Cassiodorus, "si commodum mensuram æqualitatis excesserit, vim sui nominis non habet"^[160]. Debet etiam esse naturale et quasi commune, id est cum commodo nostro et alieno: ait enim lex naturæ; Aequum est, neminem cum alterius jactura fieri locupletio^[161]; quod ait Tullius:

“Neque timor, neque dolor, neque mors, neque aliud, quod extrinsecus accidere possit, tam est contra naturam, quam ex aliorum incommodo suum augere commodum;”^[162] et maxime de exiguitate mendici. Ait enim Cassiodorus: Ultra omnes crudelitates est divitem velle fieri de exiguitate mendici^[163].

c. Pro utroque autem, id est pro Dei servitio et humano commodo, dicunt verba sacerdotes et clerici: principaliter pro Dei servitio, et secundario pro suo commodo. Vivere enim debet de altari^[164], ut decreta clamant. Et etiam Paulus in Epistola I ad Corinthios, ubi dicit: “Qui altari serviunt, cum altari participant. Ita et Dominus ordinavit his, qui evangelium denuntiant, de evangelio vivere”^[165]. Quidam tamen clerici causam convertunt, quia principaliter faciunt et dicunt verba pro humano commodo et pro bonis præbendis, et secundario pro Dei servitio, quod facere non debent.

d. Causa vero dicendi pro amico te movere debet, dum tamen verba sint justa et honesta. Lex enim amicitiae, secundum Tullium, hæc est, ut non rogemus res turpes, nec faciamus rogati^[166]. Nam, secundum regulam juris, non est excusatio peccati, si amici causa peccaveris^[167]. “Amici enim crimina si feras, facis tua;”^[168] et, quod plus est, “bis peccat qui peccato obsequium accommodat.”^[169] “Crimen sibi parat, qui nocentem adjuvat”^[170]. Nam “socius fit culpæ, qui nocentem adjuvat”^[171]. Et maxime in re turpi duplex est peccatum; ait enim Seneca: “In turpi re peccare bis est delinquere”^[172]. Innoxie vero amicum defendere debes, ut verus defensor dicaris; ait enim Cassiodorus: Ille proprie defensor est dicendus, qui defendit innoxie^[173].

e. Pro omnibus vero prædictis libentius verba fundas utilia, scilicet pro Dei servitio et humano commodo et amici utilitate.

Et licet multa exempla ad expositionem hujus adverbii *Cur* dici valeant, hæc tibi brevitatis causa sufficiant.

V. Quomodo loquendum sit, sunt quinque modi servandi

Prædictis auditis et intellectis super hoc adverbio *Cur*, expositionem et intellectum audias hujus dictionis *Quomodo*. Et certe istud *Quomodo* formam et modum requirit. Ergo quum loqueris, modum dicendi requires. Nam sicut in rebus modus est servandus, de quo dici consuevit:

[Omnibus adde modum, modus est pulcherrima virtus^[174] ultra enim modum et citra modum nihil est rectum, quod multum eleganter dicit Oratius:]

*Est modus in rebus, sunt certi denique fines,
Quos ultra citraque nequit consistere rectum*^[175].

et ita in dictis si modus omittatur, nihil laudabile poterit inveniri. Ait enim Cassiodorus: Modus ubique laudandus est^[176].

Modus itaque tuus sit quintuplex, videlicet in pronuntiatione, in velocitate, in tarditate, in quantitate et in qualitate.

a. Videndum est ergo, quid sit pronuntiatio. 'Pronuntiatio est verborum dignitas, rebus et sensibus accomodata, et corporis moderatio. Hæc enim intantum excellit, ut, secundum sententiam Marci Tullii, indocta oratio laudem consequatur, si optime feratur: et quamvis expolita sit, si indecenter dicatur, contemptum irrisionemque mereatur. In pronuntiatione itaque primum exerceri debet vocis et spiritus moderatio, corporis et linguæ motus. Vitia quoque si qua sint oris, diligenti cura emendanda sunt, ne verba sint inflata vel anhelata vel in faucibus frendentia, nec vocis immanitate resonantia, non aspera frendentibus vel hiantibus labiis prolata; sed pressim et æqualiter vel leniter et clare pronuntiata, ut suis quæque litteræ sonis enuntientur, et unumquodque verbum legitimo accentu decoretur, nec immoderato clamore vociferetur, nec ostentationis causa frangatur oratio. Verum pro locis, rebus, causis et temporibus dispensanda est. Nam aliqua simplicitate narranda, aliqua auctoritate suadenda, alia cum indignatione deprimenda, alia miseratione flectenda, ita ut vox et oratio semper suæ causæ convenient'^[177]. [Sequitur ergo, ut quæ læta sunt læto vultu pronuntientur; quæ tristia tristi vultu, quæ crudelia minaci vultu dicenda sunt, quod præclare docet Oratius dicens:

*Tristia mæstum
vultum verba decent, iratum plena minarum,
Ludentem lasciva, severum seria dicta*^[178].]

'Observandum est etiam, ut sit recta facies, ne labia detorqueantur, nec magnus hiatus, nec supinus (id est suppressus) vultus, nec dejecti in terram oculi et inclinata cervix, nec elevata aut depressa supercilia: quia nihil potest placere, quod non doceat, et secundum Tullium: "Caput artis

est dicere quod deceat^[179]. Labia lambere vel mordere est deforme, quum etiam in dicendis verbis modus esse debeat; et ore non magis quam labiis loquendum est^[180]. Dicenda quoque sunt submissa leniter, matura graviter, inflexa moderate.

Quum magna dicimus, graviter proferenda sunt; quum autem parva dicimus, humiliter; quum mediocria, temperate. Nam etiam in parvis causis nihil grande, nihil sublime dicendum est; sed levi ac pedestri more loquendum est. In causis vero majoribus, ubi de Deo vel hominum salute referimus, plus magnificentiae et fulgoris est exhibendum. In comparatis vero causis, ubi nihil agitur, nisi ut auditor delectetur, moderate dicendum est. Sed notandum est quod, quamvis de magnis rebus quisquam dicat, non tamen semper magnifice dicere debet^[181]. "Nam, ut auctor est Seneca – *De Formula Honestae Vitae*: Lauda parce, vituperata parcius. Similiter reprehendenda est nimia laudatio, sicut immoderata vituperatio: illa enim adulatione, haec malignitate suspecta est^[182]. In praesentia autem sui aliquis laudari non debet. Scriptum est enim:

Laudare praesentem, nec laedere decet absentem^[183].

b. c. In velocitate et tarditate similiter modum, requiras. Veruntamen aliud in dicendo est, quam in faciendo: non enim debes esse velox ad loquendum, sed tardus cum moderamine competentis. Ait enim beatus Jacobus in Epistola sua: Esto velox ad audiendum, tardus vero ad loquendum, et tardus ad iram^[184]. Et Salomo dicit: Vidisti hominem velocem ad loquendum? stultitia speranda est magis, quam illius correctio^[185]. Et Cassiodorus: Haec est regalis proculdubio virtus, tardius in verba prorumpere, et celerius necessaria sentire^[186].

Similiter in iudicando tardius esse debes. Scriptum est enim: Optimum iudicem existimo, qui cito intelligit et tarde iudicat^[187]. Inde etiam dici consuevit: "Ad poenitendum properat qui cito iudicat."^[188] Competens enim mora in talibus non est reprobanda, unde quidam: "Mora omnis odio est, sed facit sapientem"^[189].

Pariformiter in consiliis requiras tarditatem, et non velocitatem aut festinantiam; "in deliberando enim utilia, mora est tutissima."^[190] Scriptum est enim de consiliis: "Quod diu tractaveris, id puta rectissimum."^[191] Velox enim consilium sequitur poenitentia^[192]. Et iterum: Tria sunt contraria consilio: festinantia, ira et cupiditas^[193].

In faciendo autem post deliberationem, velocitatem exercere debes. Ait enim Seneca in Epistolis: Minus dicito quam facias, et diu deliberato, cito facito^[194]. Celeritas enim beneficium gratum facit^[195]. [Hoc pulchre dicit Salustius: Priusquam incipias, consulito, et ubi consulueris mature, facto opus est^[196].] Et Salomo: Vidisti hominem velocem in omni opere suo? coram regibus stabit, nec erit inter ignobiles^[197]. Et Jesus Sidrach dicit: In omnibus operibus tuis velox esto, et omnis infirmatis non occurret tibi^[198]. – Non tamen tantam velocitatem exerceas, quæ in operibus perfectionem impediat.

d. In quantitate insuper modum requiras non multa dicendo; nam in multiloquio non deest peccatum^[199]. Et Salomo in Eccl. dicit: Multas curas sequuntur somnia, et in multis sermonibus invenitur stultitia^[200]. Et alibi idem: In omni tempore, bono erit abundantia; ubi autem sunt verba plurima, ibi frequenter egestas^[201]. Et Seneca: "Nihil æque proderit nisi quiescere, et cum aliis loqui minima, secum multa"^[202]. Moderate tamen loqui et tacere debes, dicit enim Pamphilus:

Nec nimium taceas, nec verba superflua dicas^[203].

Audias ergo plurima, respondeas vero pauca. Nam ut ait Socrates: In omnibus placere poteris, si gesseris optima et locutus fueris pauca^[204].

e. In qualitate denique loquendi modum requiras, scilicet dicendo bene. Scriptum est enim: Principium amicitiae est bene loqui, male dicere vero exordium inimicitarum^[205]. Dicenda igitur sunt verba læta, honesta, lucida, simplicia; plano ore, vultu quieto, facie composita, sine immoderato cachinno, clamore nullo proferenda^[206]. De quibus Salomo dicit: Favus mellis, composita verba: dulcedo animæ et sanitas ossium^[207].

Et hæc ad expositionem et intelligentiam hujus dictionis *Quomodo* dicta sufficiant.

VI. Quando loquendum et dicendum sit, et quo ordine

Superest denique videre de intelligentia et expositione hujus adverbii *Quando*. Certe istud *Quando*, tempus requirit. Requiras ergo diligenter tempus simul et ordinem.

a. Ait enim Jesus Sidrach: Homo sapiens tacebit usque ad tempus: lascivus autem et imprudens non observabit tempus^[208]. Servando ergo tempus sequaris verbum Salomonis dicentis: Tempus dicendi, tempus

tacendi^[209]. Magna enim res est vocis et silentii temperamentum^[210]. Unde Seneca dicit: Serva itaque silentium, donec loqui tibi fuerit necessarium^[211]. Et non solum tuum silentium serva, sed etiam aliorum expecta. Expectare ergo debes dicendi tempus, donec tibi præbeat auditum. Ait enim Jesus Sidrach:

“Ubi non est auditus, non effundas sermonem, et importune noli extolli in sapientia tua”^[212]. Importuna enim est narratio tua, quando tibi non præbetur auditus, et est quasi *musica in luctu*.

Nam ut idem ait: Musica in luctu importuna narratio; et qui narrat verbum non attendenti, quasi qui excitat dormientem a gravi somno^[213].

Et non solum in dicendo aliis, sed etiam in respondendo tempus expectare debes. Nam scriptum est: Ne properes respondere, donec finis fuerit interrogationis^[214]. Nam ut ait Salomo: Qui prius respondet, antequam audiat, stultum se esse demonstrat et confusione dignum^[215].

Similiter qui prius loquitur, antequam discat, ad contemptum et irrisionem properat. Unde Jesus Sidrach dicit: Ante iudicium para justitiam, et antequam loquaris, disce singula^[216].

b. Ergo suo loco et tempore dicenda sunt, præpostero ordine penitus omisso. (1) Nam si de prædicatione loqui desideras tempore congruo, prius historiam dicas, [quæ docet rem gestam,] postea vero allegoriam, [quæ docet mysticum sensum ad ecclesiam militantem pertinentem,] tertio vero tropologiam, [quæ est ad informationem bonorum morum]. (2) Si vero de epistolis tractes, primo loco pone salutationem, secundo exordium, tertio narrationem, quarto petitionem et quinto conclusionem. (3) Si autem de contionando in ambaciatis faciendis studeas, primo loco et tempore salutationem dicas, secundo vero commendationem tam illorum, ad quos ambaciata dirigitur, quam sociorum tecum ambaciatam portantium, sive narrationem ejus, quod tibi impositum fuerit. Tertio facies exhortationem dicendo suasoria verba ad consequendum id, quod postulatur, quarto in omni postulatione allegando modum, quo id, quod postulator, fieri valeat. Quinto induces exempla de rebus in similibus negotiis factis et observatis. Sexto denique assignabis sufficientem rationem ad prædicta omnia. Et hoc facias ad exemplum Gabrielis archangeli, qui, quum missus esset a Deo ad beatam virginem Mariam, primo posuit salutationem dicens: Ave gratia plena: Dominus

tecum: Benedicta tu etc^[217]. Secundo confortationem sive exhortationem de Deo: Ne timeas Maria^[218]; quam exhortationem præposuit archangelus denuntiationi, et hoc ideo, quia beata Maria turbata fuerat in salutatione archangeli. Tertio vero posuit annuntiationem dicens: Ecce concipies in utero, et paries filium etc^[219]. Quarto posuit modi expressionem, quum dixit: Spiritus sanctus superveniet in te, et virtus Altissimi obumbrabit tibi^[220]. Quinto posuit exemplum, quum dixit: Ecce Elizabeth, cognata tua, pariet filium in senectute sua^[221]. Sexto assignavit sufficientem rationem ad prædicta, quum dixit: Quia non erit impossibile apud Deum omne verbum^[222].

(4) Si autem de legibus et decretis tractare volueris, primo tempore et loco litteram ponas, secundo casum, tertio litteræ expositionem, quarto similia, quinto contraria, sexto solutiones.

Et sic de qualibet scientia: quæ ad eam pertineant, secundum præsens, prius et posterius sunt dicenda.

Hæc denique exempla super hoc adverbio *Quando* tibi ad præsens dicta sufficiant.

Tu autem ex ingenio tibi a Deo præstito multa super hoc et super quolibet verbo hujus versiculi: *Quis, quid*, etc. pro tuæ voluntatis arbitrio poteris cogitare. Nam sicut in abecedario scripturæ omnes volvuntur, ita super hoc dicto versiculo, quicquid dici vel taceri debet, fere posset inflecti. Hanc igitur doctrinam super loquendo vel tacendo, breviter comprehensam, tibi et aliis tuis fratribus litteratis scribere curavi, quia vita litteratorum potius in loquendo vel in dicendo, quam in faciendo consistit, Seneca hoc testante, qui ait: "Stulta est et minime conveniens litterato viro occupatio exercendi lacertos et dilatandi cervicem"^[223].

Si autem etiam super faciendo volueris habere doctrinam, detrahatur de hoc versiculo istud verbum, *dicas*, et in loco illius ponas hoc verbum *facias*. Unde dicatur:

Quis, quid, cur facias, cui, quomodo, quando requiras.

Et ita fere omnia, quæ dicta sunt supra, et multa alia poterunt ad verbum *facias* aptari utiliter.

His denique auditis circa prædicta, exercitatione intentissima et frequenti usu^[224] te ipsum exerceas – nam exercitatio ingenium et naturam sæpe vincit, et usus omnium magistrorum præcepta superat^[225] – ut valeas doctrinam dicendi et faciendi in promptu habere. Deum insuper exora, qui mihi donavit prædicta tibi narrare, ut ad æterna gaudia nos faciat pervenire. Amen.

Explicit liber de doctrina loquendi et tacendi ab Albertano, causidico brixienti, ad instructionem suorum filiorum compositus.

A arte de falar e de calar

Albertano de Brécia

Posto que muitos confundem-se ao falar, e que não há ninguém que seja capaz de domar plenamente a sua língua (o que atesta São Tiago, quando diz: "A natureza das feras e das serpentes, das aves e das outras criaturas é domada pela natureza humana; mas ninguém pode domar a língua"^[1]), assim, eu, Albertano, cuidei de transmitir a ti, Estêvão, meu filho, uma breve instrução sobre o falar e o calar, abarcada numa única linha. Eis a linha em questão:

Apontes "quem", "o quê", "a quem"; e pergunte "por quê?", "como?", "quando?".

Contudo, uma vez que as palavras abarcadas nessa linha sejam densas e gerais e que generalidade gera obscuridade (como diz o Digesto, "Direitos do Erário", "Lei XL")¹, propus-me a expô-las e (mesmo que não totalmente, mas só na medida do meu saber) esclarecê-las^[2].

Tu, pois, caríssimo filho, quando desejares falar, debes começar por ti mesmo, a exemplo do galo que, logo antes de cantar, bate três vezes com as asas em si próprio. Assim, antes que o fôlego traga quaisquer palavras à tua boca, consideres a ti mesmo e a todas as palavras postas naquela linha. Digo-te para que não só consideres tu mesmo, mas

¹ No original: *De Iuri Fiscis, L. Ita fidei.*

que reconsideres, isto é, consideres novamente²; porque, quando dizes “reconsideres” – isto é, “consideres novamente” –, isso denota uma reiteração. Pois, assim como se diz, de alguém, que “reconhece” (ou seja, “conhece novamente”), também se diz que “reconsidera” (isto é, “considera novamente”).

I. Quem fala deve ter em mente cinco tópicos

Primeiro tópico. Considerarás, no teu espírito, quem és tu que desejas falar: se o que é dito te diz respeito ou não. Se não, não te deves imiscuir naquilo que é dito. Pois assim como, segundo as leis, existe culpa em imiscuir-se em algo que não te diz respeito^[3], como postula a regra da justiça, culpa também existe em falar daquilo que não te diz respeito^[4]. Sobre isso disse Salomão nos Provérbios:

“Como quem toma um cão pelas orelhas é quem passa e, não se contendo, mete-se em disputa alheia”^[5].

E Jesus, filho de Siraque, disse:

“Não contendas sobre o que não te perturba”^[6].

A respeito disso alguém falou:

“O que não te tange de modo algum te constrange”^[7].

Isso é particularmente digno de nota, visto que, se cuidares ao mínimo daquilo que não te diz respeito, obterás maior tranquilidade no coração e no espírito; o que certo poeta diz de maneira estupenda:

“Traz muita tranquilidade cultivar a frugalidade”^[8].

Segundo tópico. Consideres, em teu íntimo, se estás cativo de alguma inquietação do espírito – isto é, da ira, do ódio ou da inveja – ou se estás alheio às paixões do espírito. Porque, se o teu espírito se encontrar perturbado, tu deverás abster-te de falar, e assim conterás os movimentos perturbados do espírito. Pois afirmou Cícero:

² Para compreender bem esse trecho, convém ter em mente que o verbo “considerar”, em latim, se diz *requiro*, cuja etimologia remonta a *quaero* (“buscar”, “questionar”) mais a partícula de reforço/reiteração “re-”. Sendo essa suttilidade intraduzível no português, optamos por, nesse trecho apenas, traduzir *quaero* por “considerar” e *requiro* por “reconsiderar”, a fim de tornar mais claro o aspecto lúdico da explicação. No restante do texto, contudo, mantivemos a tradução de *requiro* como “considerar”, com alguma variação nos lugares onde esta pareceu apropriada. (N. dos T.)

“A virtude consiste em conter os movimentos perturbados do espírito e tornar os apetites obedientes à razão”^[9]; assim, o homem irado deve se calar, pois, como afirmou Sêneca:

“O homem irado só fala em face à sentença”^[10].

Motivo pelo qual disse Catão:

“Irando-te, não vás debater coisa incerta:

A ira impede a mente de ver a verdade”^[11].

E outro disse:

“A lei vê o homem irado, mas o homem irado não a vê”^[12].

E Ovídio:

“Vence os teus impulsos e a tua ira, tu que vences tudo o mais”^[13].

Sobre isso também disse Cícero:

“Fique longe a ira, com a qual não se pode fazer nada de forma reta, de forma prudente”^[14].

“O que se faz sob efeito de alguma inquietação não pode ser nem feito de maneira resoluta, nem aprovado por aqueles que estão presentes”^[15].

Vês, portanto, quantos males trazem ao homem paixões como a ira, o ódio, a inveja, o amor, a tristeza, a paixão. Pois afirmou Salústio:

“A todo homem que delibere sobre coisas duvidosas convém esvaziar-se do ódio, da amizade, da ira e da misericórdia, uma vez que o espírito não dispõe facilmente da verdade quando estes o obstruem”^[16].

Pelo que o espírito não enxerga a verdade quando perturbado por essas paixões, pois tratam-se de enfermidades do espírito, que cegam a ele próprio; o que atesta, de maneira insigne, Pedro Afonso, quando diz:

“A natureza humana se comporta de tal forma que, estando o espírito comprometido de algum modo, falta ao olho o discernimento para discriminar o verdadeiro do falso”^[17].

E, se quiseres compreender a ira, o homem irado e o iracundo, lê no livro que compus, *Sobre o amor e a estima a Deus a outras coisas, e sobre a maneira de viver*³, no capítulo “Sobre a amizade que se deve evitar com o iracundo”⁴.

³ No original: *De amore et dilectione Dei et aliarum rerum, et de forma vitae.*

⁴ No original: *De amicitia iracundi hominis vitanda.*

Decerto que deves também cuidar para que a vontade de falar não te mova tanto que te leve a dizer o que teu desejo não acordou com a razão. Pois afirmou Salomão:

“Como uma cidade que se expõe sem o contorno dos muros é o homem que, quando fala, não consegue conter seu fôlego”^[18].

Sobre isso também é costume dizer:

“Quem não sabe calar, não sabe falar”^[19].

De fato, certo sábio, quando perguntado por que permanecia calado, se porque era estúpido, respondeu:

“Um homem estúpido não consegue se calar”^[20].

E noutra parte disse Salomão:

“Fundes o teu ouro e a tua prata, e faz uma balança para pesar as tuas palavras, e impões à tua boca os justos freios, e atenta-te para que não tropeces com a língua e tua queda se torne irreversível e mortal”^[21].

E afirmou novamente:

“Quem vigia a boca, vigia a alma; aquele, porém, que é leviano ao falar sofrerá os males”^[22].

E também disse Catão:

“A primeira virtude é controlar a língua:

Está perto de Deus quem cala com razão”^[23].

Terceiro tópico. Consideres tu mesmo e reflitas no teu espírito quem és tu para querer censurar o outro ou falar mal dele, e se porventura suportas ser repreendido em seu dito ou feito. Assim pois disse São Paulo na Epístola aos Romanos:

“És indesculpável, ó homem que julgas; pois, se fazes as coisas que tu próprio julgas, a ti próprio então condenarás”^[24].

E, na mesma epístola, explica:

“Tu, pois, que ensinas a outrem, a ti mesmo não ensinas; que pregas que não se deve roubar, mas roubas; que dizes que não se deve ser adúltero, mas praticas adultério; que abominas os ídolos, mas cometes sacrilégio: desonras a Deus”^[25].

E disse Catão:

“O que sóis condenar, tu mesmo nunca o faças:

É torpe a quem instrui se o seu erro o desdiz”^[26].

Pois falar bem e agir mal nada mais é do que se condenar pela própria voz^[27], como afirmou Agostinho. Catão disse o mesmo:

“O dito ou o feito do outro não censures jamais

Para que, em situação semelhante, ele não escarneça de ti.”^[28]

A respeito disso afirmou Gregório:

“Quem ensina bem e vive mal deve ser condenado na mesma medida em que instrui”^[29].

Antes, pois, que acuses a outrem, cuides de ser inocente dos mesmos vícios; o que o próprio Gregório demonstrou ao dizer:

“Quem acusa a outro de pecar deve encontrar-se sem pecado”^[30], a exemplo do Cristo, que inocentou uma mulher surpreendida em adultério e a libertou de péssimos judeus, que a acusavam e a julgavam pecadora, quando eram eles próprios os maiores criminosos.

Tremam agora os juízes fornicadores, adúlteros, avarentos, injustos, tanto leigos quanto eclesiásticos, sobre os quais afirmou Salomão:

“O juízo mais duro será imposto àqueles que governam”; e prossegue: “Posto que são os mais fortes, sofrerão tormentos mais fortes”^[31].

Quarto tópico. Consideres, em teu íntimo, quem és tu que desejas falar: se és apto ou inepto; e também saibas bem o que desejas falar: caso contrário, não serás capaz de falar bem. De fato, certo sábio, perguntado sobre qual a melhor maneira de falar, respondeu:

“Se disseres apenas o que souberes bem”^[32].

E Jesus de Siraque:

“Se compreendeste bem, responde ao teu próximo; caso contrário, fique a tua mão sobre a tua boca, para que não sejas pego numa fala incoerente e te confundas”^[33].

Quinto tópico. Consideres qual será o resultado da tua fala; pois há coisas que de início parecem boas, mas têm um resultado ruim^[34]. Pois disse Jesus de Siraque:

“Em todos os bens, encontrarás males em dobro”⁵.

Buscam-se não apenas os princípios: também debes considerar os fins e o resultado. A esse respeito disse Pânfilo:

⁵ Tradução de trecho, conforme aparece em Navone (p. 8): “*Dixit enim Jesus Sirac: 'In omnibus bonis dupplicia mala invenies.'*” (Eclesiástico 12:7)

"A prudência examina os princípios e os fins.
Aos fins cabe o veredicto e toda a honra.
Observa, nas palavras, o princípio e o fim,
Para que fales de forma mais bem pensada"^[35].

Além disso, se as palavras que queres dizer revelarem-se duvidosas no que toca a produzir ou não bons resultados, debes antes calar do que falar.

Na verdade, disse Pedro Afonso, um dos maiores filósofos que existiu:

"Se temeres dizer algo do que te arrependas, é sempre melhor que não fales"^[36].

Assim, é mais útil ao sábio calar a bem de si mesmo do que falar contrariamente a si, porque vemos poucos ou nenhum se enganarem por calar, mas muitos por falar^[37]. Com isso concordou bem quem disse:

"Amiúde faz mal falar; mas calar, nunca"^[38].

Pois as palavras são semelhantes às flechas: fáceis de serem lançadas, difíceis de serem recuperadas^[39]; motivo pelo qual se tem o costume de dizer:

"Uma vez proferida, voa, irrevogável, a palavra"^[40].

É o que quer Aristóteles, quando diz:

"O que se diz uma vez não se pode recuperar mais"^[41].

Logo, na dúvida, é melhor calar do que falar, assim como, também nos atos duvidosos, é melhor não agir do que agir, tal como afirmou Cícero: "Aconselham bem aqueles que se opõem a que faças algo sobre o qual te questionas se é ou não justo. Pois a justiça brilha por si mesma, mas a dúvida traz indício de infração"^[42].

E outro disse:

"Se duvidas de algo, não o faças"^[43].

Com segurança, evita toda decisão de que se tenha duvidado^[44].
Pois, como disse Sêneca:

"A imprudência costuma ficar em dúvida diante de uma resolução"⁶.

⁶ Tradução de trecho, conforme aparece em Navone (p. 8): "*Quia ut Seneca dixit: 'Solet esse in dubio pro consilio temeritas.'*" (Publílio Siro, *Sentenças*, 652.)

Para o entendimento e a exposição do vocábulo “quem”, muito se poderia comentar, mas, no interesse da brevidade, te bastem os cinco tópicos colocados acima.

II. Em seguida: a respeito do *que disseres*

Uma vez anotado e compreendido detidamente o que se disse acima sobre o vocábulo “quem”, sucede, no interesse da exposição, ver algo sobre a locução “o quê”, e são dez os tópicos.

Primeiro tópico. Deves primeiro considerar se é algo verdadeiro ou falso. Pois afirmou Jesus de Siraque:

“Antes de todas as tuas obras, preceda-te a palavra verdadeira, e, antes de todo ato, uma resolução firme”^[45].

Pois é a verdade, acima de tudo, que se deve cultivar, que ela somente torna os homens próximos de Deus^[46], uma vez que o próprio Deus é a verdade – o que Ele mesmo atestou, ao dizer:

“Eu sou o caminho, a verdade e a vida”^[47].

Se, portanto, tiveres de falar, digas de todo modo a verdade, e expulsa completamente a mentira ardilosa. Sobre isso disse o profeta:

“A boca do justo ponderará a sabedoria, a sua língua proferirá a sentença”^[48], isto é, a verdade ou o parecer verdadeiro.

A esse respeito disse Salomão no Eclesiástico:

“É mais digno de consideração um ladrão do que um mentiroso contumaz”^[49].

E outro disse:

“Contenta-te com a verdade, tenha ela sido apresentada por ti ou a ti mostrada”^[50].

E também Cassiodoro:

“O pior dos costumes é desprezar a verdade”^[51] pura, na qual nada de falso se misture, pois, como ele mesmo disse: “A ‘verdade’ é boa se nada de falsidade se mistura a ela”^[52].

Também entendo o mesmo a respeito da simples verdade; como, de fato, afirmou Sêneca:

“A fala daquele que trabalha pela verdade deve ser simples e sem ornamentos”^[53].

Assim, pois, deves falar a verdade, a fim de que o que disseres tenha a firmeza de um juramento solene e que nada venha a se interpor entre tua simples asserção e um juramento qualquer^[54]. Como afirma Sêneca:

“Se a fala, sem um juramento solene, já não possui firmeza, então também a firmeza do seu juramento será sem valor”^[55].

E o mesmo disse novamente no livro *Sobre a maneira de viver honestamente*⁷:

“Nada se interponha a ti, quer afirmes, quer jures. Assegures-te de ter agido segundo a retidão e a fé quando quer que se trate da verdade. Pois, ainda que Deus não seja invocado no juramento e, caso invocado, não seja testemunha, ainda assim não ultrapasasses a verdade nem transponhas a lei da justiça. Mas, se por vezes fores impelido a empregar a mentira, emprega-a, não para a falsidade, mas para resguardar a verdade. E se acontecer de, com a mentira, se redimir a confiança, então não mentirás, mas antes te desculparás, pois tua causa é honesta; o justo, no mais, não revela segredos, porque cala o que deve ser calado e diz o que deve ser dito; e assim cabem-lhe paz e tranquilidade certa”^[56].

Logo, digas a verdade pura e simples, e roga a Deus para que leve as palavras da mentira para longe de ti. Pois também Salomão rogou a Deus, dizendo:

“Duas coisas, Senhor, te roguei para não me negares antes que morra: leva para longe de mim a vaidade e as palavras da mentira; e não me dês nem indigência nem riqueza, para que eu não seja, pela privação, compelido a roubar, e abjure assim o nome do meu Deus”^[57].

E, assim como não deves dizer senão a verdade, assim também tu deves agir. Pois disse São Paulo na segunda Epístola aos Coríntios:

“Com efeito, não podemos falar contra a verdade, mas apenas em favor da verdade”^[58].

E digas uma verdade tal que seja crida por ti; do contrário, é tida por mentira; da mesma forma que, por uma inversão, se obtém a condição de verdade, quando se crê em algo falso; e, por essa razão, eu disse acima:

“Expulsa completamente a mentira ardilosa”.

⁷ No original: *De forma honestae vitae*.

Não deve ser julgado mentiroso aquele que diz algo falso, considerando-o verdadeiro; pois, no que toca a ele, não está enganando, mas ele próprio é o enganado^[59]. Por outro lado, mente quem diz ser verdade o que considera falso^[60]. E nem se encontra livre da mentira quem, ignorando o que é verdade, fala a esmo, mas, conhecendo-o, mente por vontade^[61], como diz Santo Agostinho. Motivo pelo qual uma mente que contradiz as palavras é mentirosa e pestífera, como constata Esopo:

“Uma mente que destoa das palavras é pior que todo tipo de peste”^[62].

Em razão desta peste muitos agem cobiçosos de honras, do que fala Salústio com muita clareza:

“A ambição compeliu muitos mortais a se fazerem falsos, a terem uma coisa encerrada no peito e outra na ponta da língua”^[63].

Segundo tópico. Consideres o que queres dizer: se é útil, sério e proveitoso, ou se é vazio e sem valor. De fato, devemos sempre dizer palavras úteis, virtuosas e proveitosas, mas devemos calar completamente as sem valor. Assim afirma Sêneca em *Sobre a maneira de viver honestamente*⁸:

“Também a tua fala não seja sem valor, mas ou console, ou instrua, ou prescreva, ou advirta”^[64].

E disse Paulo na Epístola a Timóteo:

“Evita as palavras profanas e fúteis”^[65].

Terceiro tópico. Consideres se o que dizes é razoável ou irrazoável. As palavras razoáveis devem sempre ser ditas; as irrazoáveis, porém, devem ser caladas. Pois o que carece de razão não pode perdurar. Quem, contudo, traz consigo a razão, vence todo o mundo. A respeito do que está escrito:

“Se desejas vencer todo o mundo, submete-te à razão”^[66].

“Pois a juventude deve ser munida com a razão”^[67]; e, como se costuma dizer:

“Se bem aplicada, a razão discerne o que é melhor, mas, se negligenciada, envolvem-na muitos erros”^[68].

Quarto tópico. Consideres se o que dizes é ríspido ou grosseiro, ou se é brando, doce ou agradável. Pois as palavras doces devem ser

⁸ No original: *De forma honestae vitae*.

proferidas, mas as hostis devem ser caladas e de todo omitidas. Pois disse Jesus de Siraque:

"As flautas e o saltério produzem uma melodia branda; mas uma língua branda sobrepuja ambos"^[69].

E disse também adiante:

"A palavra doce multiplica os amigos e mitiga os inimigos"^[70].

A respeito disso se costumava dizer:

"A floresta possui recantos; a língua do sábio, encantos"^[71].

E Pânfilo disse:

"A doce eloquência estimula e alimenta o amor"^[72].

Mais uma vez, são as palavras brandas, e não as ríspidas, que devem ser ditas. Como, de fato, afirmou Salomão:

"A fala branda amansa a ira, mas a palavra dura suscita o furor"^[73].

A mesma afirmação faz, claramente, Túlio Cícero:

"Não é fácil calcular o quanto a brandura e a afabilidade do falar cativam os ânimos"^[74].

Quinto tópico. Consideres se o que dizes é belo e respeitável, ou se é torpe ou mau; pois as palavras belas e respeitáveis devem ser ditas, rejeitando-se as torpes e as más. Pois afirma São Paulo na primeira Epístola aos Coríntios:

"Não vos deixeis seduzir; as más conversações corrompem os bons costumes"^[75].

E, na Epístola aos Efésios, disse:

"Nenhuma fala torpe saia de vossa boca"^[76].

E, mais adiante, na mesma epístola, explica:

"Nem palavras torpes, nem tolas, nem obscenas, que não sejam pertinentes, sejam sequer nomeadas entre vós, como convém aos santos"^[77].

E disse Sêneca em *Sobre a maneira de viver honestamente*⁹:

"Abstém-te também das palavras torpes, pois sua permissividade alimenta a insensatez"^[78].

E Salomão disse:

"O homem habituado às palavras de impropério não se corrigirá em nenhum dia de sua vida"^[79].

⁹ No original: *De forma honestae vitae*.

Mas seja a fala sempre agradável, temperada com sal, pois afirmou São Paulo na Epístola aos Colossenses:

“Vossa fala seja sempre agradável, temperada com sal, a fim de que saibais de que modo cabe responder a cada um”^[80].

Sexto tópico. Consideres, para que não digas algo obscuro ou ambíguo; pelo contrário, debes falar clara e abertamente. Pois assim diz a lei:

“Não tem valor algum alguém que negue ou se cale, ou responda de maneira obscura, de forma a deixar incerto o interrogador”^[81].

Na verdade, está escrito: “Mais vale permanecer calado do que dizer o que ninguém compreende”^[82].

Aí está o porquê de ninguém dever falar como sofista. Pois a fala do sofista é obscura e enganadora. E afirmou Jesus de Siraque:

“Quem fala como sofista é odioso: em todas as coisas, ver-se-á enganado; pois não lhe foi dada a graça por Deus”^[83].

Sétimo tópico. Consideres, para que não digas ou faças nada de injusto ou ignominioso. Pois está escrito:

“Ameaça a muitos quem comete injustiça a um”^[84].

Sobre isso diz Jesus de Siraque:

“Não recordes nada da injustiça do próximo, e não realizes coisa alguma nas obras da injustiça”^[85].

Donde Cassiodoro:

“Toda a estrutura se abala com a injustiça de um só”^[86].

E também Paulo na Epístola aos Colossenses:

“Pois quem comete uma injustiça receberá de volta o que gerou de iníquo”^[87].

E Sêneca nas Epístolas:

“Espera de outrem o que tiveres feito a outrem”^[88].

E isso vale, de resto, para qualquer injustiça ou ignomínia, e sobretudo para aquela que se faz disfarçada de bem; como também afirma Cícero:

“Não há injustiça maior ou mais grave que a daqueles que, sobretudo quando enganam, fazem-no para dar a aparência de serem bons homens”^[89].

Pois, de fato, as injustiças e ignomínias são tão terríveis que ferem não apenas um só, como também cidades e reinos, que, por essa razão, sofrem ruínas e vicissitudes. Pois, como afirma Jesus de Siraque:

“O poder é transferido de um povo para outro graças a injustiças, iniquidades e ignomínias”^[90].

E não apenas deves te impedir e cessar de proferir injúrias e cometer injustiças a outrem, como também deves, se for pertinente, impedir aquele desejoso de proferir uma injúria ou de cometer uma injustiça. Pois afirma Cícero no primeiro livro *Dos deveres*¹⁰:

“Existem dois tipos de iniquidade: uma, a daqueles que cometem a injustiça; outra, a daqueles que, quando o podem, não afastam a injustiça daqueles contra quem ela é cometida; e aquele que não obsta quem comete uma injustiça está tão errado quanto os que abandonam os pais ou a pátria ou os amigos”^[91].

“Se for pertinente” eu disse, pois somente se diz poder-se fazer algo se for possível fazê-lo de maneira pertinente^[92], como postulou a nossa lei. Se outro, porém, te proferir uma injúria, deves calar; pois, como afirma Agostinho no livro *Sobre o bem supremo*¹¹:

“É mais glorioso, calando, fugir de uma injúria do que, respondendo, ultrapassá-la”^[93].

Oitavo tópico. Consideres, para que não digas nada de zombeteiro nem de amigo, nem de inimigo, e nem de nenhum outro; pois está escrito:

“Caçar de um amigo não se permita nem de brincadeira”^[94]; e novamente:

“Um bom amigo, quando ofendido, se zanga mais”^[95]; por outro lado, um inimigo, devido a troças feitas a seu respeito, logo se anteciparia com palavras ou gestos; a quem quer que seja, contudo, desagrada a zombaria feita a seu respeito. A zombaria faz com que o amor entre amigos diminua e, segundo a regra do amor:

“Se o amor diminui, logo se esgota, e raramente se recupera”^[96].

E é evidente que, devido às zombarias feitas, logo te seria dito o que não queres ouvir; pois disse Salomão:

¹⁰ No original: *De officiis*.

¹¹ No original: *De sumo bono*.

“Quem, imprudente, expõe vícios, ouvirá, intempestivo, os seus próprios crimes”^[97].

E Marcial disse:

“De outros zombando, não sairás sem ser zombado”^[98].

E novamente a mesma coisa:

“Quer rias de outro, quer riam de ti, em ambos

Há culpa: o primeiro soa torpe; o segundo, 'inda mais”^[99].

Consideres, para que não digas nada de artiloso ou sedicioso.

Disse, na verdade, o profeta:

“O Senhor extirpe todos os lábios artilosos e a língua arrogante”^[100].

E ele mesmo pergunta, de maneira insigne:

“O que será dado ou lançado à língua artilosa?”

E responde com palavras terríveis:

“Serão lançadas flechas agudas do Deus poderoso, providas de brasas mortíferas”^[101].

Cuida-te, acima de tudo, para que nada digas de sedicioso; pois não há nada mais pernicioso numa cidade do que a insurreição: onde há insurreição, há divisão entre os civis. Mas, como afirmou o Senhor:

“Todo reino dividido em si mesmo será assolado, e casa sobre casa ruirá”^[102].

Nono tópico. Consideres, para que não digas nada de soberbo; pois disse Salomão:

“Onde houver soberba, aí também haverá ignomínia; onde, no entanto, houver humildade, aí haverá sabedoria”^[103], acompanhada de glória.

E disse Jó:

“Se a soberba escalar até os céus e a sua cabeça tocar as nuvens, deteriorar-se-á, no fim, como a estrumeira”^[104].

E disse Jesus de Siraque:

“A soberba é odiosa diante de Deus e dos homens, e execrável é toda iniquidade”^[105].

E novamente:

“A reprimenda e as injustiças consumirão os bens; e a casa que for demasiado rica será consumida pela soberba”^[106].

E assim revela-se claramente que a soberba torna o homem odioso diante de todos e destrói todas as dádivas que possui; o que constata, de maneira notabilíssima, aquele que diz:

“Se te forem concedidas fartura, sabedoria e beleza,
A soberba, sozinha, destruirá tudo, se a seguires”^[107].

Décimo tópico. Consideres, por fim, para que não digas nenhuma palavra ociosa; pois também está escrito:

“Havemos de prestar contas de cada palavra ociosa”^[108].

Seja a tua palavra, assim, efetiva, e não sem valor; razoável, doce, branda, agradável, e não ríspida; boa, e não torpe ou má, e tampouco obscura, ou ambígua, ou sófistica, ou injuriosa, ou sediciosa, nem zombeteira e nem ardilosa, nem soberba e nem ociosa. Por fim, deixo-te como regra geral que não se deve crer que possamos executar qualquer ação que agrida a nossa benevolência, piedade e pudor e que, de modo geral, vá contra os bons costumes^[109], como postula a nossa lei. E, portanto, também não devemos dizê-lo; pois afirmou Sócrates:

“O que é torpe fazer tampouco considero digno dizer”^[110].

Deves, logo, sempre dizer coisas dignas, não somente entre estranhos, como também entre os teus.

“Pois não deve empregar palavras indignas entre os seus quem deseja ter dignidade entre os outros, posto que a dignidade é indispensável em todas as partes da vida”^[111].

E é certo que, mesmo sendo infinitos os exemplos que possam ser ditos acerca dessa expressão, para sua exposição e entendimento, por ora, meu filho, te bastem estes que foram ditos.

III. A locução *a quem se deva falar* possui sete tópicos

Uma vez fixada a reflexão sobre essas duas locuções – “quem” e “o quê” –, procedas à reflexão sobre a locução “a quem”. Essas considerações, no mais, abarcam sete tópicos.

Primeiro tópico. Quando desejares falar, consideres a quem falas: se é amigo ou não. A um amigo tu podes falar bem e retamente, porque nada é mais agradável do que ter um amigo com quem fales tanto quanto contigo mesmo^[112]. Todavia, não fales sobre aquelas coisas que temes

serem tornadas visíveis e públicas, no caso de ele depois vir a tornar-se um inimigo. Pois afirma Sêneca nas Epístolas:

“Assim, fales com os amigos como se um deus o ouvisse, e, assim, vivas com os homens como se um deus o visse”^[113].

E outro afirmou:

“Assim, tenhas um amigo tal que não temas que ele venha a tornar-se um inimigo”^[114].

Assim falou Pedro Afonso, a respeito dos amigos ainda não postos a prova:

“Previne-te uma vez dos inimigos e mil vezes dos amigos; porque se um amigo, um dia, se tornar um inimigo, poderá se empenhar mais facilmente na tua perda”^[115].

Por conseguinte, guardes somente para ti aquele teu segredo que não desejas que seja conhecido, ou sobre o qual não podes debater sem que seja exposto, e não o reveles a ninguém.

Assim afirmou Jesus de Siraque:

“Não contes teus sentimentos nem a amigo, nem a inimigo, e, se se trata de um delito teu, não o reveles, pois ele te ouvirá e te olhará, e, aparentando proteger o teu pecado, se rirá de ti”^[116].

E outro afirma:

“O que queres manter escondido, não o digas a ninguém”^[117].

E outro:

“Consideres improvável que alguém possa manter segredo”^[118].

E outro:

“Teu segredo ou teu plano, escondido como que em teu cárcere, está guardado; mas, se revelado, te detém preso em seu próprio cárcere”.

Razão pela qual disse:

“É melhor eleger senhor de si quem retém seu próprio plano no coração”^[119].

“Na verdade, é mais fácil calar do que pedir para que outro se cale”.

Sêneca concorda:

“Se a ti mesmo não ordenaste calar, como podes buscar o silêncio de outrem?”^[120]

Se, no entanto, desejares deliberar com alguém em segredo, confie-lo ao amigo mais leal, verdadeiro e reservado. Salomão exorta:

“Com muitos sejas amistoso, mas só de um em cada mil faças teu conselheiro”^[121].

E Catão:

“Confia o teu juízo a um tácito amigo,

E o amparo do corpo a médico insuspeito”^[122].

A teu inimigo, contudo, não fales muito, e tampouco lhe reveles teus segredos. Instrui muito bem aquele que afirmou:

“Não fieis nem reveleis segredos àqueles

Com quem tivestes infelizes desavenças”^[123].

E, noutra parte, diz:

“Quem disso soube, não ponha fé no inimigo.

E inimiga seja a persuasão barata”^[124].

E digo isso mesmo se vieres a reatar a amizade com um inimigo.

Pois está escrito:

“Ninguém reata a amizade com um inimigo sem riscos”^[125].

Pois o calor do ódio sempre se esconde no peito de um inimigo.

Donde Sêneca:

“Nunca falta calor onde por muito tempo houve fogo”^[126].

Razão pela qual afirma:

“Vale mais morrer por um amigo do que viver com um inimigo”^[127].

Também disse Salomão:

“Jamais confies num antigo inimigo; mesmo que caminhe baixo e curvado, não confies nele”^[128], pois foi capturado pelo interesse, e não pela amizade: retorna por vontade de tirar proveito das coisas que não pôde conseguir por esforço^[129].

E ele diz, noutra parte, palavras terríveis:

“Diante de teus olhos, o inimigo se derramará em lágrimas, mas, se vir o momento oportuno, não se saciará sequer com o teu sangue”^[130].

E disse Pedro Afonso:

“Não te alies com teus inimigos, uma vez que podes descobrir outros aliados; pois os erros que cometeres, hão de censurar; mas o que se fizer de bom, denigrirão”^[131].

Por fim, deve-se falar e agir com cautela para com todos; pois muitos crê-se que são amigos quando, na verdade, são inimigos. Ele

demonstra ter todos os estranhos por inimigos dignos de suspeita, quando afirma:

“Não sigas estrada com alguém que não tenhas conhecido antes; e se, na estrada, algum desconhecido vier se juntar a ti, e seguir a tua marcha, diz que vais mais longe do que planejado. E se ele trouxer uma lança, segue pela direita; se uma espada, pela esquerda”^[132].

Segundo tópico. Consideres se falas a um ignorante, ou se a um sábio. Pois afirmou Salomão:

“Não fales nos ouvidos dos ignorantes, pois eles desprezam a instrução de tua fala”^[133].

E novamente:

“Se um sábio contender com um tolo, quer se zangue, quer se ria, não há de encontrar descanso”^[134].

E mais uma vez:

“O tolo não aceita palavras prudentes, exceto se disseres as que já residem em seu coração”^[135].

E Jesus de Siraque:

“Fala com um homem adormecido aquele que diz ao tolo palavras sábias; no fim, este dirá: ‘Quem é este?’”^[136]

Terceiro tópico. Consideres, para que não fales com um zombador. Pois está escrito:

“Não mantenhas relações com um zombador: fuja do contato de suas palavras como que de veneno. O convívio com aquele a quem falas é uma gentileza recíproca”^[137].

E Salomão:

“Não repreendas o zombador, para que ele não te odeie; repreende o sábio, e ele te amará”^[138].

E Sêneca diz:

“Quem censura um zombador inspira afronta contra si mesmo; quem repreende um ímpio busca vergonha para si mesmo”^[139].

Quarto tópico. Consideres, para que não converses com alguém falador ou loquaz, e nem com cínicos, isto é, com aqueles que ladram e mordem. Na verdade, assim afirma o profeta:

“O homem falador não será amado na terra”^[140].

E diz Jesus de Siraque:

“O homem falador é coisa terrível em sua cidade, e é odioso quem é temerário em seu falar”^[141].

E novamente:

“Quem odeia a loquacidade, à maldade dá fim”^[142].

E diz noutra parte:

“Não te dirijas a um falador, nem ponhas lenha em sua fogueira”^[143].

E ainda em outra parte:

“E não deliberes com os insensatos, pois não levam em consideração senão aquilo que lhes agrada”^[144].

Do mesmo modo, não fales muito com os cínicos; pois afirma Cícero:

“O pensamento dos cínicos deve ser totalmente rejeitado”^[145].

Kynos, em grego, é o mesmo que *canis* em latim. Por isso, são chamados “cínicos” (*kynikoi*) os que ladram como os cães, acerca dos quais – e dos seus semelhantes – diz o Senhor:

“Não jogueis pérolas aos porcos”^[146].

Quinto tópico. Consideres, para que não contendas muito com os perversos. Pois afirmou Agostinho:

“Assim como o fogo que, quanto mais lenha recebe”^[147], se ergue numa chama cada vez maior, também o homem mau, quanto mais verdade ouvir, à maior maldade será estimulado.

Sobre isso disse Salomão:

“Na alma perversa não penetra a sabedoria”^[148].

Razão pela qual disse Catão:

“Tu não combatas, com palavras, os prolixos:

O falar a todos é dado; mas sabedoria, a poucos”^[149].

Sexto tópico. Consideres, para que não fales de segredos com um ébrio ou com uma mulher má. Pois diz Salomão:

“Não existe segredo onde reina a embriaguez”^[150].

E outro:

“A tagarelice das mulheres só sabe esconder o que desconhece”^[151].

Sétimo tópico. Consideres, por fim, quem ouve as coisas que dizes. Pois está escrito:

“Querendo dizer coisa adversa, olha o entorno:

Se aí não se esconde quem o amaldiçoe”^[152].

E muitos exemplos, é certo, ainda se poderiam colocar para o entendimento e a exposição da locução “a quem”, mas, por ora, caríssimo filho, te bastem esses.

IV. Deve-se considerar *por que* falar; e há cinco itens a serem observados

Agora procedamos à exposição do advérbio “por quê”. E este “por quê”, é claro, requer uma causa.

Consideres, portanto, a causa do teu dizer; pois, assim como, tanto nas coisas já feitas quanto nas que ainda hão de ser, requer-se uma causa (nas palavras de Sêneca: “Procura a causa de qualquer feito, e, quando encontrares o começo, cogitarás o término”^[153]), também nas coisas que se dizem requer-se uma causa.

E assim como nada se produz sem causa, nem o mundo progride por acidentes fortuitos^[154], como disse Cassiodoro, tampouco deves dizer algo sem uma causa. E, assim como em todas as coisas encontramos quatro causas – isto é, a eficiente, a material, a formal e a final – também no que dizemos encontramos sempre quatro causas. A causa material está contida no “o quê”, a formal no “como”, a causa eficiente no “quem”, mas agora falamos da causa final, que buscamos no “por quê”.

Portanto, a causa final do teu dizer seja, ou em prol do serviço de Deus, ou em prol do proveito humano, ou em prol de ambos, ou ainda em prol do interesse de um amigo, ou em prol de todas as coisas ditas anteriormente.

a. Em prol do serviço de Deus, como fazem os pregadores leigos e eclesiásticos.

b. Em prol do proveito humano, como fazem os advogados e demais oradores. Pois, segundo Santo Agostinho, é lícito ao advogado cobrar por uma defesa justa e ao jurista cobrar por uma resolução justa^[155]. E aqui, quando disseres as palavras “em prol do proveito humano”, consideres qual é esse proveito e de que tipo. Pois este deve ser nobre, e não torpe, visto que, segundo as leis, os lucros torpes devem ser rejeitados pelos homens^[156]. Razão pela qual diz Sêneca:

“Evita tanto o lucro torpe quanto o prejuízo”^[157].

E outro, de forma muitíssimo notável, afirma:

“Lucro de má reputação deve ser chamado prejuízo”^[158].

E noutra parte está escrito:

“Antes perder que ter um ganho torpe”^[159].

Também o proveito (em latim, *commodus*) deve ser moderado; pois *commodus* se compõe de “com” e *modo* (“medida”). Verdadeiramente, como afirma Cassiodoro:

“Se o proveito exceder a medida da igualdade, já não tem mais a força de seu nome”^[160].

Além disso, deve ser natural e como que comum, isto é, com proveito tanto nosso quanto do outro, conforme postula a lei da natureza; o justo é que nenhum homem enriqueça com o prejuízo de outro^[161]; pois afirmou Cícero:

“Nem o medo, nem a dor, nem a morte, nem qualquer outra coisa que possa ocorrer externamente é tão contrária à natureza quanto aumentar o seu proveito com o prejuízo de outro”^[162] e sobretudo com a escassez de um mendigo.

Também afirmou Cassiodoro:

“Ultrapassa todas as crueldades querer se tornar rico com a escassez de um mendigo”^[163].

c. De um e outro, isto é, em prol do serviço de Deus e em prol do proveito humano, falam os sacerdotes e clérigos. Em primeiro lugar, em prol do serviço de Deus, e só em segundo, em prol do seu próprio proveito. De fato, deve-se viver do altar^[164], como proclamam os decretos. E também Paulo na Primeira Epístola aos Coríntios, onde diz:

“Aqueles que servem ao altar tomam parte no altar. Assim, o Senhor também ordenou àqueles que anunciam o Evangelho que vivessem do Evangelho”^[165].

Certos clérigos, no entanto, subvertem a causa, porque agem e falam, em primeiro lugar, em prol do proveito humano e para fornecer bens, e só em segundo lugar em prol do serviço de Deus, o que não devem fazer.

d. A causa do falar em prol do amigo, no entanto, deve te mover apenas na medida em que as palavras forem justas e honestas. A lei da amizade, segundo Cícero, consiste em não pedirmos coisas torpes nem fazermos as que nos forem pedidas^[166].

De fato, segundo a regra da justiça, não é perdão do pecado se pecares no interesse de um amigo^[167].

“Pois, se toleras os crimes de um amigo, os torna teus”^[168]; e, o que é ainda mais grave, “peca duas vezes quem trata com complacência o pecado”^[169].

“Faz acusação contra si mesmo quem ajuda um infrator”^[170].

Pois “se associa na culpa quem ajuda um infrator”^[171].

E, sobretudo nas coisas desonrosas, o pecado é duplo; como afirma Sêneca:

“Delinquir por desonra é pecar duas vezes”^[172].

Porém, se o fazes sem mal, deves defender o teu amigo, para que sejas dito defensor verdadeiro; pois afirma Cassiodoro:

“É devidamente chamado defensor aquele que defende sem fazer o mal”^[173].

e. Em prol de todas as coisas ditas anteriormente, pronuncies, com disposição, palavras úteis na ordem que se segue: em prol do serviço de Deus, em prol do proveito humano e em prol do benefício de um amigo.

E, mesmo sendo muitos os exemplos válidos para a exposição do advérbio “por quê”, no interesse da brevidade, te bastem estes.

V. Sobre o *como* falar, há cinco medidas que exigem atenção

Uma vez ouvido e compreendido o que se disse sobre o advérbio “por quê”, ouças a exposição e o significado do vocábulo “como”. E esse “como” (em latim, *quomodo*) requer, é claro, uma forma e uma medida (em latim, *modo*). Logo, quando falares, consideres a medida do teu dizer. Na verdade, a medida deve ser conservada tanto nas coisas, como exemplificado abaixo:

“Em tudo põe medida: a medida é a mais nobre virtude”^[174].

Também para além da medida ou para aquém da medida, coisa alguma é correta, o que diz, de maneira muito distinta, Horácio:

“Nas coisas, afinal, há medida, há limites firmes,

Além ou aquém dos quais não pode estar a retidão”^[175].

Assim como nos ditos, caso a medida seja deixada de lado, nada de louvável se poderá descobrir. Pois afirma Cassiodoro:

“Em tudo, a medida é digna de louvor”^[176].

Então, a tua medida esteja nos cinco pontos, a saber: na pronúncia, na rapidez, na lentidão, na quantidade e na qualidade.

a. É preciso ver, pois, em que consiste a pronúncia: “A pronúncia é o brilho das palavras, ajustado às coisas e à percepção, e é o domínio do corpo. Esta, de fato, se sobressai tanto que, segundo o julgamento de Marco Túlio Cícero, mesmo a fala inculta é louvada se pronunciada da melhor maneira; por outro lado, ainda que seja elaborada, se for dita de maneira inapropriada, merece desprezo e escárnio. Assim, na pronúncia, deve-se primeiro exercitar o domínio da voz e da respiração, o movimento da língua e do corpo. Também as falhas, se forem da boca, devem ser corrigidas com diligente zelo, a fim de que as palavras não fiquem infladas ou ofegantes ou arranhando na garganta, tampouco ressoem com a vastidão da voz nem fiquem ásperas com o arranhar ou prolongadas com o esticar dos lábios; mas sejam pronunciadas pausada e uniformemente ou clara e suavemente, a fim de que cada letra seja expressa com seu devido som e cada uma das palavras seja adornada com a entonação correta, e não se brade o discurso com volume excessivo nem se o deixe fragmentar por mera ostentação. Na verdade, ele deve ser administrado segundo o lugar, o assunto, o pretexto e a ocasião. De fato, algumas coisas devem ser ditas com naturalidade, algumas advogadas com autoridade, outras suprimidas com indignação, outras lamentadas com comiseração, de maneira que a voz e o discurso estejam sempre de acordo com o pretexto que os motiva”^[177]. Daí segue que coisas alegres devem ser pronunciadas com a expressão alegre; coisas tristes devem ser ditas com a expressão triste, e coisas cruéis, com a expressão ameaçadora, o que ensina Horácio de maneira notável, quando diz:

“Se melancólica a feição, convêm palavras

Tristes; se brincalhona, palavras jocosas;

Se irada, hostis; se severa, afirmações sérias”^[178].

“Deve-se também observar se o rosto está alinhado, se os lábios não se encontram retorcidos ou demasiado abertos, se a expressão não se encontra contida (isto é, indiferente), nem os olhos abaixados em direção ao chão e o pescoço inclinado, e nem as sobranceiras erguidas ou franzidas; pois nada pode agradar sem instruir e, segundo Cícero:

‘O cerne da arte consiste em dizer o que convém’^[179].

Lamber ou morder os lábios é vulgar, pois, também nas coisas que se diz, deve haver medida; e não se deve falar mais com a boca do que com os lábios’^[180].

Além disso, palavras modestas devem ser ditas com brandura; palavras circunspectas, com seriedade; e palavras complicadas, com moderação.

Quando dizemos palavras importantes, devemos pronunciá-las com gravidade; porém, com humildade, quando dizemos palavras pouco elevadas; e quando triviais, com comedimento. Pois também em assuntos de pouca importância não se deve dizer nada de grande, de elevado; antes, deve-se falar de maneira leve e prosaica. Em assuntos importantes, porém, nos quais tratamos de Deus ou da salvação humana, deve-se empregar maior grandeza e esplendor. Em assuntos desprezíveis, contudo, onde nada se faz senão para o prazer do ouvinte, deve-se falar com moderação. Mas deve-se notar que, independente do quanto se fale de coisas graves, ainda assim não se deve sempre falar de maneira pomposa^[181]. Como diz, de fato, Sêneca em *Sobre a maneira de viver honestamente*¹²:

“Elogia pouco e censura ainda menos. O elogio exagerado é tão digno de repreensão quanto a censura excessiva; pois aquele dá indício de adulação, e esta, de perversidade’^[182].

Não se deve, ademais, elogiar ninguém na sua presença. Pois assim está escrito:

“Não convém elogiar quem está presente nem ofender quem está ausente’^[183].

b. c. Busques a medida tanto na rapidez quanto na lentidão. O falar é, pois, coisa diversa do agir: assim, não deves ser rápido ao falar, mas lento, com o devido comedimento. Pois afirmou São Tiago em sua Epístola:

“Sê rápido para ouvir, mas lento para falar e lento para irar-te’^[184].

E Salomão diz:

“Viste um homem rápido ao falar? Deve-se esperar dele mais tolice do que correção’^[185].

E Cassiodoro:

¹² No original: *De forma honestae vitae*.

“Trata-se sem dúvidas de uma virtude régia ser mais lento em irromper em palavras e mais rápido em perceber as coisas necessárias”^[186].

Da mesma forma, deves agir mais lentamente no julgar, pois está escrito:

“Considero melhor juiz aquele que compreende cedo e julga tarde”^[187].

Sobre isso ainda costumava-se dizer:

“Logo se arrepende quem julga rapidamente”^[188].

Na verdade, uma demora devida não é, nesses casos, censurável; aliás, sobre isso alguém falou:

“A demora é odiada por todos, mas é ela que faz o sábio”^[189].

Da mesma maneira, busques, nas tuas resoluções, lentidão, e não rapidez ou pressa; “pois, ao se deliberar sobre coisas úteis, a demora é a coisa mais prudente”^[190].

Acerca das resoluções, com efeito, está escrito:

“Considera a coisa mais correta aquela de que trataste por muito tempo”^[191].

“De fato, a uma resolução rápida segue-se o arrependimento”^[192].

E novamente:

“Três são as inimigas da boa resolução: a pressa, a ira e a cupidez”^[193].

Quando, todavia, após a deliberação, tu fores agir, deves fazê-lo com rapidez, pois afirmou Sêneca nas Epístolas:

“Menos fala do que fazes e, tendo deliberado bastante, age logo”^[194].

Pois a presteza produz gratos frutos^[195]. Isso diz muito bem Salústio:

“Antes de começar, medita, e, quando tiveres meditado, é hora de o trabalho ser feito”^[196].

E Salomão:

“Viste um homem rápido em todas as suas obras? Encontrar-se-á na presença dos reis, e nunca ficará entre os ignotos”^[197].

E diz Jesus de Siraque:

“Sê rápido em todas as tuas obras, e nenhuma enfermidade te acometerá”^[198].

Não ajas, contudo, com rapidez tal que impeça a completude das tuas obras.

d. Busques, ademais, a medida na quantidade, não falando muito; pois no falar muito não falta o pecado^[199]. Assim diz Salomão no Eclesiástico:

“A muitas preocupações seguem-se os devaneios, e na loquacidade excessiva encontra-se a tolice”^[200].

E diz adiante:

“O homem bom terá sempre abundância; contudo, onde mais houver palavras, aí, frequentemente, haverá penúria”^[201].

E Sêneca:

“Da mesma maneira, nada será proveitoso se não te aquietares e falares, com os outros, o mínimo, e, contigo mesmo, muito”^[202].

Deves, ao menos, falar e calar com moderação, pois diz Pânfilo:

“Nem cales demais, nem digas palavras fúteis”^[203].

Ouças, portanto, o mais possível, mas respondeas pouco. Pois, como afirma Sócrates:

“Em tudo poderás agradar, se fizeres o melhor e falares pouco”^[204].

e. Por fim, busques, na qualidade, a medida do falar, isto é, o dizer bem. Pois está escrito:

“O princípio da amizade consiste em falar bem; o dizer mal, porém, é o começo das inimizades”^[205].

Portanto, deve-se dizer palavras nobres, alegres, claras e simples; e deve-se enunciar-las com os lábios firmes, com a expressão tranquila, com o rosto composto, sem gargalhada excessiva ou qualquer grande ruído^[206]. De tais coisas diz Salomão:

“As palavras ordenadas são um favo de mel: a doçura da alma e a saúde dos ossos”^[207].

E, para a exposição e o entendimento do vocábulo “como”, baste o que foi dito.

VI. Quando se deve falar e dizer, e em qual ordem

Enfim, resta refletir sobre o entendimento e a exposição do advérbio “quando”. E esse “quando”, é claro, requer um tempo. Consideres, pois, detidamente tanto o tempo quanto a ordem.

a. Diz, pois, Jesus de Siraque:

“O homem sábio se calará de tempos em tempos; o que é licencioso e imprudente, porém, não observará o tempo”^[208].

Ao zelar pelo tempo, pois, sigas as palavras de Salomão, que diz:

“Há tempo de falar e tempo de calar”^[209].

Pois é coisa admirável a justa temperança da voz e do silêncio^[210].
Sobre o que diz Sêneca:

“Mantém, assim, o silêncio, até que se faça necessário falar”^[211].

E não só mantém o teu silêncio, mas também espera o dos outros. Deves, portanto, esperar o momento de falar, até que te sejam dados ouvidos. Pois assim afirmou Jesus de Siraque:

“Não desperdices palavras onde não há quem lhes dê ouvidos, e não te gables inoportunamente de tua sabedoria”^[212].

É, de fato, inoportuna a tua fala, se não te são dados ouvidos, sendo então como “música no luto”.

Na verdade, foi ele mesmo que disse:

“Uma fala inoportuna é música no luto e aquele que fala a quem não o escuta é como o que desperta do sono profundo alguém que dorme”^[213].

E não apenas ao falar aos outros, mas também ao responder, deves observar o tempo, pois está escrito:

“Não te apresses em responder enquanto não se tiver chegado ao fim da pergunta”^[214].

De fato, como afirma Salomão:

“Quem responde antes de ouvir demonstra-se tolo e digno de preocupação”^[215].

Da mesma maneira, aquele que fala antes de aprender apressa-se ao desprezo e ao escárnio. Sobre o que diz Jesus de Siraque:

“Antes do julgamento, prepara a justiça, e, antes de falar, aprende uma coisa de cada vez”^[216].

b. Assim, as palavras devem ser ditas em seu devido tempo e lugar, omitindo-se toda inversão de ordem. (1) Com efeito, se desejas falar sob a forma de pregação, em tempo oportuno, primeiro contes uma história (que ensina um feito ilustre), mas depois uma alegoria (que ensina uma ideia mística relativa à Igreja militante), e, em terceiro ainda, uma tropologia (que serve à concepção dos bons costumes). (2) Se, porém, trata-se de uma carta, põe, em primeiro lugar, a saudação; em segundo, a introdução; em terceiro, o relato; em quarto, o pedido; e, em quinto, a conclusão. (3) Contudo, se, no exercício de uma embaixada, te dedicas a pronunciar algo, digas em primeiro lugar e momento a saudação, e, em segundo, a recomendação tanto daqueles a quem é dirigida a embaixada

quanto dos pares que levam a embaixada contigo, ou então o relato daquilo de que foste encarregado. Em terceiro lugar, farás uma exortação, dizendo palavras persuasivas, como prosseguimento daquilo que estás requerendo; em quarto lugar, em toda postulação, deve-se expor uma medida mediante a qual aquilo que está sendo requerido possa ser alcançado. Em quinto, apresentarás exemplos de coisas feitas e observadas em situações semelhantes. Em sexto lugar, enfim, conferirás razão suficiente às coisas ditas anteriormente. E faça isto a exemplo do Arcanjo Gabriel, que, como tivesse sido enviado por Deus à Santa Virgem Maria, primeiro fez a saudação, dizendo:

“Salve, ó cheia de graça! O Senhor está contigo! Bendita és tu etc.”^[217]

Em segundo, expôs o consolo ou a exortação de Deus:

“Não temas, Maria”^[218], exortação esta que o arcanjo antepôs à anunciação, porque Santa Maria se atordoara com a saudação do arcanjo.

Em terceiro lugar, porém, fez a anunciação, dizendo:

“Eis que conceberás no útero e darás à luz um filho etc.”^[219]

Em quarto, expressou a dimensão disso, ao dizer:

“O Espírito Santo virá a ti e a virtude do Altíssimo te recobrirá”^[220].

Em quinto, deu um exemplo, quando disse:

“Vê Isabel, a tua prima, que dará à luz um filho em sua velhice”^[221].

Em sexto, conferiu razão suficiente ao que fora dito anteriormente, dizendo:

“Pois palavra alguma será impossível junto a Deus”^[222].

(4) Se quiseres, contudo, tratar de leis e decretos, estabeleças, em primeiro momento e lugar, o texto da lei; em seguida, a circunstância; em terceiro lugar, a explicação do texto; em quarto, os prós; em quinto, os contras; em sexto, as soluções.

E assim convém, a respeito desta ciência: que as coisas que lhe são relativas devam ser ditas segundo o presente, o passado e o futuro.

Enfim, que esses exemplos acerca do advérbio “quando” por ora bastem.

Tu, contudo, poderás meditar muito a respeito disso e de qualquer das palavras daquela linha (“quem”, “o quê” etc.) segundo o arbítrio de tua vontade, a partir do engenho de que foste provido por Deus. De fato, assim como toda escritura se desenvolve do alfabeto, também quase tudo que se deve dizer ou calar se volta para aquela linha. Cuidei então de escrever a ti e aos teus outros irmãos eruditos, de modo breve, esta instrução sobre o falar, ou sobre o calar, porque a vida dos eruditos consiste antes no falar ou no dizer do que no fazer, o que atesta Sêneca, quando diz: “É tola e de todo inadequada a um erudito uma atividade que ocupe os músculos e distenda o pescoço”^[223].

Contudo, se também quiseres obter alguma instrução sobre o fazer, retire-se daquela linha a palavra “diga” e ponha-se em seu lugar a palavra “faças”. Donde se diga:

Indagues: “Quem”, “o quê”, “por quê” faça; também “a quem”, “como” e “quando”.

E, assim, quase tudo que foi dito acima, e muito mais, poderá se aplicar com proveito ao verbo “faças”.

Por fim, uma vez ouvido o que se disse acima, pratique tu mesmo por meio do exercício mais atento e da prática frequente^[224] – pois o exercício geralmente vence o engenho e a natureza, e a prática sobrepuja as lições de todos os mestres^[225] – de forma que possas obter de imediato a instrução do dizer e do fazer. Acima de tudo, roga a Deus, que me concedeu contar-te tudo que foi dito, para que nos faça alcançar o gáudio eterno. Amém.

Aqui termina o livro sobre a instrução do falar e do calar, de Albertano, advogado de Bréscia, composto para a educação de seus filhos.

Referências das citações do texto

- [1] Tiago 3:7-8.
- [2] *Digesto*, 49.14.50.
- [3] *Digesto*, 50.17.36.
- [4] cf. Graciano, *Decreto*, 2, C23.Q4.C18.
- [5] Provérbios 26:17.
- [6] Eclesiástico 11:9.
- [7] Fonte não identificada.
- [8] Fonte não identificada.
- [9] Cícero, *Dos deveres*, 2.5.18.
- [10] Publílio Siro, *Sentenças*, 319.
- [11] Catão, *Dísticos*, 2.4.
- [12] Publílio Siro, *Sentenças*, 344.
- [13] Ovídio, *Heróides*, 3.85.
- [14] Cícero, *Dos deveres*, 1.38.136.
- [15] Cícero, *Dos deveres*, 1.38.137.
- [16] Salústio, *A conjuração de Catilina*, 51.1-2.
- [17] Pedro Afonso, *Dialogus* ("Diálogo"), 539B.
- [18] Provérbios 25:28.
- [19] Pseudo-Sêneca, *Proverbia* ("Provérbios"), 120; Pseudo-Sêneca, *De Moribus* ("Dos costumes"), 132.
- [20] Pseudo-Cecílio Balbo, *De Nugis* ("Das nuvens"), 4.11 (Sólon), 5.26.4 (Quilão de Esparta).
- [21] Eclesiástico 28:29-30.
- [22] Provérbios 13:3.
- [23] Catão, *Dísticos*, 1.3.
- [24] Romanos 2:1.
- [25] Romanos 2:21-23.
- [26] Catão, *Dísticos*, 1.30.
- [27] Próspero da Aquitânia, *Sententiae* ("Sentenças"), 6.2-3.
- [28] Catão, *Dísticos*, 3.7.
- [29] Graciano, *Decreto*, 1, D40.C12.
- [30] Fonte não identificada.
- [31] Graciano, *Decreto*, 2, C8.Q1.C20; Sabedoria 6:6-7.
- [32] *Digesto*, 11.1.11.7; cf. Pseudo-Cecílio Balbo, *De Nugis* ("Das nuvens"), 5.43.2 (Sócrates).
- [33] Eclesiástico 5:14.
- [34] Eclesiástico 12:7.
- [35] *Pânfilo*, 335-338.
- [36] Pedro Afonso, *Disciplina Clericalis* ("Instrução clerical"), p. 11.
- [37] Pseudo-Cecílio Balbo, *De Nugis* ("Das nuvens"), 4.10 (Diógenes), 5.26.2-3 (Diógenes).
- [38] Catão, *Dísticos*, 1.12.2.
- [39] Pseudo-Cecílio Balbo, *De Nugis* ("Das nuvens"), 5.48.5.
- [40] Horácio, *Carta aos Pisões (Arte poética)*, 1.18.71.
- [41] Fonte não identificada.
- [42] Cícero, *Dos deveres*, 1.9.30.
- [43] Pseudo-Cecílio Balbo, *De Nugis* ("Das nuvens"), 6.38-39.
- [44] Publílio Siro, *Sentenças*, 652.
- [45] Eclesiástico 37:20.
- [46] Pseudo-Sêneca, *De Moribus* ("Dos costumes"), 145b.
- [47] João 14:6.
- [48] Salmos 36:30.

- [49] Eclesiástico 20:27.
- [50] Pedro Afonso, *Disciplina Clericalis* ("Instrução clerical"), p. 8.
- [51] Cassiodoro, *Variae* ("Variados"), 3.3.1.
- [52] Cassiodoro, *Variae* ("Variados"), 3.7.1.
- [53] Sêneca, *Cartas a Lucílio*, 40.4.
- [54] Agostinho, *Manual sobre a fé, a esperança e a caridade*, 6.18.13-15.
- [55] Pseudo-Cecílio Balbo, *De Nugis* ("Das nuvens"), 5.38.4.
- [56] Martinho de Braga, *Formula vitae honestae* ("Fórmula da vida honesta"), 5.14-23.
- [57] Provérbios 30:7-9.
- [58] 2 Coríntios 13:8.
- [59] Graciano, *Decreto, 2, C22.Q2.C4*; Agostinho, *Manual sobre a fé, a esperança e a caridade*, 6.18.13-15.
- [60] Graciano, *Decreto, 2, C22.Q2.C4*; Agostinho, *Manual sobre a fé, a esperança e a caridade*, 6.18.17-18.
- [61] Graciano, *Decreto, 2, C22.Q2.C4*; Agostinho, *Manual sobre a fé, a esperança e a caridade*, 6.18.21-22.
- [62] Walter da Inglaterra, *Aesop* ("Esopo"), 3.3.
- [63] Salústio, *A conjuração de Catilina*, 10.5.
- [64] Martinho de Braga, *Formula vitae honestae* ("Fórmula da vida honesta"), 2.31-32.
- [65] 2 Timóteo 2:16.
- [66] Sêneca, *Cartas a Lucílio*, 37.4.
- [67] Publílio Siro, *Sentenças*, 627.
- [68] Cícero, *Discussões Tusculanas*, 4.27.58.
- [69] Eclesiástico 40:21.
- [70] Eclesiástico 6:5.
- [71] cf. Walther, *Proverbia* ("Provérbios"), 29629.
- [72] *Pânfilo*, 109.
- [73] Provérbios 15:1.
- [74] Cícero, *Dos deveres*, 2.14.48.
- [75] 1 Coríntios 15:33.
- [76] Efésios 4:29.
- [77] Efésios 5:4,3.
- [78] Martinho de Braga, *Formula vitae honestae* ("Fórmula da vida honesta"), 4.22-23.
- [79] Eclesiástico 23:20.
- [80] Colossenses 4:6.
- [81] *Digesto*, 11.1.11.7.
- [82] Cícero, *Filípicas*, 3.9.22.
- [83] Eclesiástico 37:23-24.
- [84] Publílio Siro, *Sentenças*, 351.
- [85] Eclesiástico 10:6.
- [86] Cassiodoro, *Variae* ("Variados"), 9.2.1.
- [87] Colossenses 3:25.
- [88] Sêneca, *Cartas a Lucílio*, 94.43.
- [89] Cícero, *Dos deveres*, 1.13.41.
- [90] Eclesiástico 10:8.
- [91] Cícero, *Dos deveres*, 1.7.23.
- [92] cf. *Código de Justiniano*, 3.37.1.1.
- [93] Gregório, o Grande, *Homiliae in Evangelia* ("Homílias sobre os Evangelhos"), 1.18.4.

- [94] Pseudo-Cecílio Balbo, *De Nugis* ("Das nuvens"), 5.15.17.
- [95] Pseudo-Cecílio Balbo, *De Nugis* ("Das nuvens"), 5.15.15; Publílio Siro, *Sentenças*, 66.
- [96] André Capelão, *Tratado do amor cortês*, Regras do amor, 19.
- [97] Pseudo-Cecílio Balbo, *De Nugis* ("Das nuvens"), 5.48.4.
- [98] Godofredo de Winchester, *Epigrammata* ("Epigramas"), 12.
- [99] Godofredo de Winchester, *Epigrammata* ("Epigramas"), 33.
- [100] Salmos 11:4.
- [101] Salmos 119:3-4.
- [102] Lucas 11:17.
- [103] Provérbios 11:2.
- [104] Jó 20:6-7.
- [105] Eclesiástico 10:7.
- [106] Eclesiástico 21:5.
- [107] Columbano, *Monosticha* ("Monásticos"), in PL 80:318D.
- [108] Mateus 12:36.
- [109] *Digesto*, 28.7.15.
- [110] Pseudo-Cecílio Balbo, *De Nugis* ("Das nuvens"), 5.1.2 (Sócrates).
- [111] Alcuíno, *De Rhetorica* ("Da retórica"), 43.27-29.
- [112] Cícero, *Da amizade*, 6.22; cf. Pseudo-Seneca, *Proverbia* ("Provérbios"), 79-80.
- [113] Sêneca, *Cartas a Lucílio*, 10.5.
- [114] Publílio Siro, *Sentenças*, 284.
- [115] Pedro Afonso, *Disciplina Clericalis* ("Instrução clerical"), p. 6.
- [116] Eclesiástico 19:8-9.
- [117] Pseudo-Sêneca, *Proverbia* ("Provérbios"), 75.
- [118] Pseudo-Sêneca, *De Moribus* ("Dos costumes").
- [119] Pedro Afonso, *Disciplina Clericalis* ("Instrução clerical"), p. 6.
- [120] Pseudo-Sêneca, *De Moribus* ("Dos costumes"), 16.
- [121] Eclesiástico 6:6.
- [122] Catão, *Dísticos*, 2.22.
- [123] Baldo, *Novus Esopus* ("Novo Esopo"), 315-316.
- [124] Baldo, *Novus Esopus* ("Novo Esopo"), 934-935.
- [125] Publílio Siro, *Sentenças*, 106.
- [126] Publílio Siro, *Sentenças*, 434.
- [127] Pseudo-Cecílio Balbo, *De Nugis* ("Das nuvens"), 5.15.20 (Sócrates); Publílio Siro, *Sentenças*, 123.
- [128] Eclesiástico 12:10-11.
- [129] Pseudo-Cecílio Balbo, *De Nugis* ("Das nuvens"), 5.15.16.
- [130] Eclesiástico 12:16.
- [131] Pedro Afonso, *Disciplina Clericalis* ("Instrução clerical"), p. 6.
- [132] Pedro Afonso, *Disciplina Clericalis* ("Instrução clerical"), p. 25.
- [133] Provérbios 23:9.
- [134] Provérbios 29:9.
- [135] Provérbios 18:2.
- [136] Eclesiástico 22:9.
- [137] Fonte não identificada.
- [138] Provérbios 9:8.
- [139] Provérbios 9:7.

- [140] Salmos 139:12.
- [141] Eclesiástico 9:25.
- [142] Eclesiástico 19:5.
- [143] Eclesiástico 8:4.
- [144] Eclesiástico 8:20.
- [145] Cícero, *Dos deveres*, 1.41.148.
- [146] Mateus 7:6.
- [147] Sedúlio Escoto, *Collectaneum Miscellaneum* ("Coletânea de diversos"), 13.8.29 (Gregório).
- [148] Sabedoria 1:4.
- [149] Catão, *Dísticos*, 1.10.
- [150] Provérbios 31:4.
- [151] Sêneca, o Velho, *Controvérsias*, 2.5.12.
- [152] Walther, *Proverbia* ("Provérbios"), 22720a.
- [153] Martinho de Braga, *Formula vitae honestae* ("Fórmula da vida honesta"), 2.24-25.
- [154] Cassiodoro, *Variae* ("Variados"), 12.25.1.
- [155] Graciano, *Decreto*, 2, C11.Q3.C71; Agostinho, *Manual sobre a fé, a esperança e a caridade*, 153.6.23.
- [156] *Digesto*, 3.6.5, praef.
- [157] Pseudo-Cecílio Balbo, *De Nugis* ("Das nuvens"), 5.1.3.
- [158] Publílio Siro, *Sentenças*, 158.
- [159] Publílio Siro, *Sentenças*, 527.
- [160] Cassiodoro, *Variae* ("Variados"), 9.14.4.
- [161] *Digesto*, 50.17.206.
- [162] Cícero, *Dos deveres*, 3.5.21.
- [163] Cassiodoro, *Variae* ("Variados"), 12.13.4.
- [164] Graciano, *Decreto*, 1, D44; 2, C13.Q1.C1; 2, C16.Q1.C6; 2, C16.Q1.C21.
- [165] 1 Coríntios 9:13-14.
- [166] Cícero, *Da amizade*, 13.44.
- [167] Cícero, *Da amizade*, 11.37.
- [168] Publílio Siro, *Sentenças*, 10.
- [169] Publílio Siro, *Sentenças*, 65.
- [170] Publílio Siro, *Sentenças*, 466.
- [171] Publílio Siro, *Sentenças*, 677.
- [172] Publílio Siro, *Sentenças*, 321.
- [173] Cassiodoro, *Variae* ("Variados"), 9.25.9.
- [174] João Cassiano, *Collationum XXIV Collectio in tres partes divisa* ("Coleção das 24 conferências: dividida em três partes"), 1.2.16 in PL 49:549B.
- [175] Horácio, *Sátiras*, 1.1.106-107.
- [176] Cassiodoro, *Variae* ("Variados"), 1.19.1.
- [177] Alcuíno, *De Rhetorica* ("Da retórica"), 40.11-29.
- [178] Horácio, *Carta aos Pisões* (Arte poética), 105-107.
- [179] Cícero, *De Oratore*, 1.29.132.
- [180] Alcuíno, *De Rhetorica* ("Da retórica"), 41.32-37, 1-2.
- [181] Isidoro de Sevilha, *Etymologiae* ("Etimologias"), 2.17.1-3.
- [182] Martinho de Braga, *Formula vitae honestae* ("Fórmula da vida honesta"), 2.32-35.

- [183] Pseudo-Cecílio Balbo, *De Nugis* ("Das nuvens"), 5.1.25, cf. 6.76.
- [184] Tiago 1:19.
- [185] Provérbios 29:20.
- [186] Cassiodoro, *Variae* ("Variados"), 10.4.6.
- [187] Fonte não identificada.
- [188] Publílio Siro, *Sentenças*, 32.
- [189] Publílio Siro, *Sentenças*, 352.
- [190] Publílio Siro, *Sentenças*, 151.
- [191] Pseudo-Cecílio Balbo, *De Nugis* ("Das nuvens"), 5.28.1; Publílio Siro (W), *Sentenças*, 318.
- [192] Pseudo-Cecílio Balbo, *De Nugis* ("Das nuvens"), 6.55.
- [193] Pseudo-Cecílio Balbo, *De Nugis* ("Das nuvens"), 5.28.5, 6.5 (Fócio), 6.55b.
- [194] Pseudo-Cecílio Balbo, *De Nugis* ("Das nuvens"), 5.1.6, 5.1.5.
- [195] Pseudo-Cecílio Balbo, *De Nugis* ("Das nuvens"), 5.14.5 (Sócrates).
- [196] Salústio, *A conjuração de Catilina*, 1.6.
- [197] Provérbios 22:29.
- [198] Eclesiástico 31:27.
- [199] Provérbios 10:19.
- [200] Eclesiastes 5:2.
- [201] Provérbios 14:23.
- [202] Sêneca, *Cartas a Lucílio*, 105.6.
- [203] *Pânfilo*, 107.
- [204] Pseudo-Cecílio Balbo, *De Nugis* ("Das nuvens"), 5.43.1 (Agésilau).
- [205] Pseudo-Cecílio Balbo, *De Nugis* ("Das nuvens"), 6.61.
- [206] Alcuíno, *De Rhetorica* ("Da retórica"), 43.32-33.
- [207] Provérbios 16:24.
- [208] Eclesiástico 20:7.
- [209] Eclesiastes 3:7.
- [210] Pseudo-Sêneca, *De Moribus* ("Dos costumes"), 74.
- [211] Pedro Afonso, *Disciplina Clericalis* ("Instrução clerical"), p. 8.
- [212] Eclesiástico 32:6.
- [213] Eclesiástico 22:6,8.
- [214] Pedro Afonso, *Disciplina Clericalis* ("Instrução clerical"), p. 8.
- [215] Provérbios 18:13.
- [216] Eclesiástico 18:19.
- [217] Lucas 1:28.
- [218] Lucas 1:30.
- [219] Lucas 1:31.
- [220] Lucas 1:35.
- [221] Lucas 1:36.
- [222] Lucas 1:37.
- [223] Sêneca, *Cartas a Lucílio*, 15.2.
- [224] Alcuíno, *De Rhetorica* ("Da retórica"), 42.10.
- [225] Alcuíno, *De Rhetorica* ("Da retórica"), 42.7-9.

Das fontes laicas presentes no texto de Albertano

Andreas Capellanus foi um escritor francês que viveu entre 1150-1220 e é conhecido pela obra *De Amore*.

Aristóteles foi um dos filósofos gregos mais importantes. Viveu entre 384-322 a.C. e escreveu obras como *Metafísica, Física, Poética, Retórica* entre outras.

Baldo foi um fabulista italiano do século XII, provavelmente um monge, que é conhecido pela obra *Aesopus Novus/Alter Aesopus*, livro que contém 35 fábulas.

O **Codex** é um aglomerado das mais importantes regras dos Imperadores, em especial do período do *Dominato*, que corresponde ao fim do período jurídico clássico e ao início do período jurídico pós-clássico. O *Codex*, o *Digesto*, as *Institutas* e as *Novellae* integram a coleção *Corpus Iuris Civilis* ou Código de Justiniano, como também é conhecido.

Columbanus foi um missionário irlandês da Igreja Celta que escreveu poemas, cartas e sermões. Viveu entre 543-615 d.C. e é autor da *Regula Monachorum* e da *Regula Coenobialis*.

Digesto Romano, ou ainda **Pandectus**, é um compilado de cinquenta livros sobre os melhores momentos da história do direito romano com objetivo de tentar resgatar um pouco de sua tradição e jurisprudência. Foi escrito entre os anos 530-533 d.C. a pedido de Justiniano.

Flaccus Albinus Alcuinus, mais conhecido como Alcuíno de Iorque, foi um monge, poeta, matemático e professor inglês. Escreveu muito a respeito de teologia e um pouco de gramática. Viveu entre 735-804 d.C. e é

autor das obras *Ars grammatica*, *De orthographia*, *De fide sanctae trinitatis et de Incarnatione Christi*, entre outras.

Flavius Magnus Cassiodorus foi um escritor e estadista romano que viveu entre 485-585 d.C. Escreveu *Laudes*, *Chronica*, *Historia Gothorum*, *Variae Epistolae*, entre outros textos.

Franciscus Gracianus foi um monge, jurista e professor de teologia de Bolonha que provavelmente viveu por volta dos séculos XII-XIII. É autor da obra *Concordia Discordantium Canonum* e do *Decretum Gratiani*.

Gaius Sallustius Crispus foi um historiador e político romano da região sabina da Itália. Era apoiador de César e desafeto de Cícero, de quem discordava na política e no estilo literário. Viveu entre 86-35 a.C. e escreveu um livro denominado *Historia*; e duas monografias *De Coniuratione Catilinae* e *Bellum Jugurthinum*. Outras obras lhe são atribuídas, mas atualmente são consideradas apócrifas.

Godefridus Prioris, conforme seu título, foi prior no monastério de Winchester em 1082. Escreveu poesia satírica em inglês, embora sendo de origem francesa. Viveu entre 1050-1107, e os títulos de suas obras são *Epigrammata historica* e *Liber proverbiorum*.

Gregorius I ou **Papa Gregório I** viveu entre os anos 540-604 d.C. Escreveu textos como: *Magna Moralia*, *Liber Regular Pastoralis*, *Dialogus*, entre outros.

Gualterus Anglicus ou **Walter of England** foi um poeta e escritor anglo-normando que produziu uma versão das fábulas de Esopo (*Liber Aesopi*) em forma de discursos no século XII.

Hans Walther é conhecido apenas por referência a nomes de seus textos, a saber: *Initia Carminum ac Versuum Medii Aevi Posterioris Latinorum* e *Proverbia Sententiaeque Latinitatis Medii Aevi*.

Ionus (Joannes) Eremita Cassianus foi um monge cristão e um teólogo muito aclamado nas igrejas orientais e ocidentais pela sua escrita mística. Nasceu aproximadamente no ano de 360 d.C., possivelmente no Império Romano do Oriente, na Cítia Menor (atualmente Romênia). Viveu entre 360-435 d.C. e é autor de *De institutis coenobiorum* e *Collationes patrum in scetica*.

Isidorus Hispalensis ou **S. Isidoro de Sevilha** foi um arcebispo que viveu entre 560-636 d.C. e escreveu, dentre outras, as obras: *Etymologiae*, *De Fide Catholica Contra Iudaeos*, *De Viris Illustribus*.

Lucius Annaeus Seneca nasceu em Córdoba e se instalou, ainda jovem, em Roma. Foi filósofo de formação estoica, preceptor do imperador Nero e escritor de tragédias, tendo vivido entre 4 a.C-65 d.C. Dele, foram preservadas seis tragédias de inspiração euripidiana, como *Medea*, *Edipo*, *Phaedra* e *Agamenon*; diversos ensaios filosóficos como *De Clementia* e *De Beneficiis*; e algumas centenas de cartas de grande valor filosófico e literário.

Marcus Porcius Cato ou **Catão** é considerado o primeiro escritor importante a escrever prosa em latim. Nasceu em Túsculo, na Itália, e viveu entre 234-149 a.C., desenvolvendo carreira política e militar. Foi autor da famosa frase *Carthago delenda est*, proferida, no Senado, para inflamar seus compatriotas sobre a necessidade de iniciar o quanto antes a 3ª Guerra Púnica e a destruição total da cidade africana de Cartago. Como austero escritor, compôs, entre outras, as seguintes obras: *De Agri Cultura*, *Origines*, *Carmen de Moribus* e *Monosticha Catonis*.

Marcus Tullius Cicero foi um advogado, político, escritor, orador e filósofo romano, além de ter exercido forte influência sobre a prosa latina e neolatina. Viveu entre 106-43 a.C. e escreveu discursos defendendo clientes; tratados de oratória, como *De oratore ad Quintum Fratrem Libri Tres*, *De Re Publica*, *De Legibus* e *Brutus*; cartas a amigos, familiares e homens públicos.

Martinus Bracarenis ou **Martinho de Braga** foi um arcebispo português, missionário, fundador de um mosteiro e autor eclesiástico. Viveu entre 520-579 ou 580 d.C. e escreveu, dentre outros, os livros *De Ira*, *Formula Vitae Honestae* e *De Correctione Rusticorum*.

Pamphilus de Amore é o título de uma peça de comédia latina do século XII, de 780 versos, provavelmente composta na França ou na Espanha, por um autor anônimo. Como o próprio título *De Amore* indica, tem como base a *Arte de amar* do poeta latino Ovídio e, na Europa medieval, fez sucesso no gênero das comédias elegíacas medievais. Essa produção bem-humorada influenciou vários escritores do século XIII, da Inglaterra, da França, da Provença e da Itália.

Petrus Alfonsi foi um escritor, astrônomo, polemista judeu-espanhol que se converteu ao cristianismo. Viveu no século XI e escreveu *Disciplina Clericalis*, *Dialogi Contra Ludaeos*, *De Dracone* e *De Astronomia*.

Prosper Aquitanus ou **Próspero Tiro** foi um discípulo de Agostinho de Hipona, defendeu-o e propagou a ortodoxia. Nasceu em 390 d.C., na Aquitânia, e parece ter sido educado em Marselha. Viveu até por volta do ano de 463 d.C. e escreveu *De Praedestinatione Sanctorum*, *Liber Sententiarum Sancti Augustini*, *De Dono Perseverantiae*, entre outros.

Pseudo-Caecilius foi um autor cuja existência se tornou alvo de debates, bem como seu papel na transmissão manuscrita das *Setentiae* de Publílio Siro, o que gerou confusão na atribuição dos ensinamentos de um e outro.

Pseudo-Seneca é o nome dado ao conjunto de autores cujos textos foram erroneamente atribuídos a Sêneca.

Publius Ovidius Naso ou **Ovídio** é considerado o mestre do dístico elegíaco e, juntamente a Virgílio e Horácio, um dos três poetas canônicos da literatura latina. Nasceu em Sulmona, no vale nos Apeninos, a leste de Roma, no ano 43 a.C., e estima-se que sua morte foi no ano 18 ou 17 a.C. Escreveu *Ars Amatoria*, *Amores*, *Remedia Amoris*, *Metamorphoses*, entre outros.

Publilius Syrus foi um escravo sírio levado para Roma, que, por seus dotes literários, logo foi alforriado. Viveu entre 85-43 a.C. e foi escritor de mimos, breves peças satíricas, contemporâneo de Cícero, lembrado principalmente por uma coleção de aforismos, *Setentiae*, versificados em jambos e troqueus, que foram extraídos por estudiosos de seus mimos, provavelmente no século I d.C.

Quintus Horatius Flaccus foi um dos maiores poetas da Roma Antiga e integrou o Círculo de Mecenas, grupo de poetas notáveis do século I a.C. Nasceu em Venosa, na Itália, em 65 a.C., e morreu em Roma, em 8 a.C. Escreveu poesia lírica, satírica e didática: *Odes* (quatro livros); *Sátira* (dois livros); *Epodos* e *Epístolas* (dois livros). Destaca-se, no número das epístolas, a *Epistula ad Pisonem*, chamada por Quintiliano de *Ars Poetica*.

Santo Agostinho ou **Agostinho de Hipona** foi um dos mais importantes teólogos e filósofos nos primeiros séculos do cristianismo. Nasceu em Tagaste, na cidade da Numídia (hoje Argélia), no norte da África, região dominada pelo Império Romano, no dia 13 de novembro de 354 d.C. Em

430 d.C. faleceu em Hipona, onde foi bispo. Deixou uma obra fundamental para a doutrina da igreja católica, que foi registrada em tratados filosóficos, teológicos, comentários, sermões e cartas. Entre seus livros, destacam-se *De Civitate Dei* e *De Trinitate*.

Sedulius Scotus foi um irlandês professor de gramática latina e comentarista de escrituras. Esteve em atividade por volta dos anos 840-860 (ou 874) d.C. e escreveu *Flamina nos Boreae*, *De Rectoribus Christianis*, *De Quodam Verbece*, entre outros.

Referências das fontes laicas:

GRACIANO (jurista). *In*: ACADEMIC. Disponível em: www.esacademic.com. Acesso em: 3 jun. 2019.

BRACKEN, Damian. *Columbanus in his own words — Tomás Ó Fiaich*. [S. l.], 2012. Disponível em: www.catholicireland.net. Acesso em: 4 jun. 2019.

MARCUS PORCIUS CATO. *In*: ENCYCLOPÆDIA BRITANNICA. Disponível em: www.britannica.com. Acesso em: 10 jun. 2019.

PUBLILIUS SYRUS. *In*: ENCYCLOPÆDIA BRITANNICA. Disponível em: www.britannica.com. Acesso em: 10 jun. 2019.

SAINT ISIDORE OF SEVILLA. *In*: ENCYCLOPÆDIA BRITANNICA. Disponível em: www.britannica.com. Acesso em: 6 jun. 2019.

SAINT JOHN CASSIANUS. *In*: ENCYCLOPÆDIA BRITANNICA. Disponível em: www.britannica.com. Acesso em: 5 jun. 2019.

SAINT PROSPER OF AQUITAINE. *In*: ENCYCLOPÆDIA BRITANNICA. Disponível em: www.britannica.com. Acesso em: 11 jun. 2019.

SALLUST. *In*: ENCYCLOPÆDIA BRITANNICA. Disponível em: www.britannica.com. Acesso em: 11 jun. 2019.

SEDULIUS SCOTTUS. *In*: ENCYCLOPÆDIA BRITANNICA. Disponível em: www.britannica.com. Acesso em: 5 jun. 2019.

CHUA, Nigel. *Seneca, the younger*. [S. l.], 2018. Disponível em: www.wisdomofseneca.com. Acesso em: 11 jun. 2019.

CRIPPA, Giulia. Um bibliotecário em sua biblioteca: Cassiodoro e os leitores ideais na Idade Média. *Memorandum*, Belo Horizonte, v. 7, p. 7, 2004.

GODFREY OF WINCHESTER. *In*: FORUM ROMANUM. Disponível em: www.forumromanum.org. Acesso em: 3 jun. 2019.

FRAZÃO, Dilva. *Aristóteles*. *In*: E-BIOGRAFIA. Disponível em: www.ebiografia.com. Acesso em: 4 jun. 2019.

FRAZÃO, Dilva. *Sêneca*. *In*: E-BIOGRAFIA. Disponível em: www.ebiografia.com/. Acesso em: 11 jun. 2019.

GARBATY, Thomas Jay. The "Pamphilus" Tradition in Ruiz and Chaucer. *Philological Quarterly*, Iowa City, v. 46, ed. 4, p. 457, out. 1967.

BALDO: AESOPUS NOVUS. *In*: AESOPUS: Latin Via Fables. Disponível em: <http://aesopus.pbworks.com>. Acesso em: 3 jun. 2019.

WALTER OF ENGLANDS. *In*: AESOPUS: Latin Via Fables. Disponível em: <http://aesopus.pbworks.com>. Acesso em: 5 jun. 2019.

HORACE. *In*: ENCYCLOPÆDIA BRITANNICA. Disponível em: www.britannica.com. Acesso em: 4 jun. 2019.

MARCUS TULLIUS CICERO. *In*: HISTORY. Disponível em: www.history.com. Acesso em: 6 jun. 2019.

MARTIN BRACARENSIS. *In*: BIBLIOTHECA AUGUSTANA. Disponível em: www.hs-augsburg.de. Acesso em: 4 jun. 2019.

HOHLER, Christopher. Reflections on some manuscripts containing 13th-century polyphony. *Journal of the Plainsong and Mediaeval Music Society*, Cambridge, v. 2, p. 2-38, 1978. Disponível em: www.cambridge.org. Acesso em: 16 jul. 2019.

ANDREAS CAPELLANUS ("Andrew the Chaplain"; late 12th cent.). *In*: HARVARD's Geoffrey Chaucer Website. Disponível em: <http://sites.fas.harvard.edu>. Acesso em: 5 jun. 2019.

IZQUIERDO, Marta López. Aliento: La traversée européenne des Proverbia Senecae: de Publilius Syrus à Érasme et au-delà. *EHumanista*, Santa Barbara, v. 34, p. 568, set. 2016.

PETRUS ALFONSI. *In*: JEWISH ENCYCLOPEDIA. Disponível em: <http://www.jewishencyclopedia.com>. Acesso em: 11 jun. 2019.

MORAES, José Alexandre Braga de; ROSA, Maria das Graças das Neves. A história do poeta latino Ovidius Publius Naso. *NetSaber — Artigos*, [S. l.], c2014. Não paginado. Disponível em: <http://artigos.netsaber.com.br>. Acesso em: 11 jun. 2019.

RITCHIE, Anna. Alcuin of York. *BBC*, Londres, 2011. Seção Ancient History. Disponível em: www.bbc.co.uk. Acesso em: 4 jun. 2019.

ST. GREGORY THE GREAT. *In*: ENCYCLOPÆDIA BRITANNICA. Disponível em: www.britannica.com. Acesso em: 5 jun. 2019.

GODFREY OF WINCHESTER. *In*: ENCYCLOPÆDIA BRITANNICA. Disponível em: www.thelatinlibrary.com. Acesso em: 3 jun. 2019.

VIEIRA, Valtívio. Biografia de Santo Agostinho. *Recanto das Letras*, [S. l.], 2012. Seção Biografias. Disponível em: www.recantodasletras.com.br. Acesso em: 4 jun. 2019.

XAVIER, Renata Flávia Firme. Evolução histórica do Direito Romano. *Jus Navigandi*, Teresina, ano 16, n. 2782, 12 fev. 2011. Disponível em: <http://jus.uol.com.br/revista/texto/18474>. Acesso em: 10 jun. 2019.

Dos textos bíblicos e de seus autores¹

Os capítulos estão indicados antes dos dois pontos e os versículos após. **1 Coríntios 9:13-14; 15:33**. A linguagem, o estilo e a teologia da primeira carta aos Coríntios são tipicamente paulinos. Paulo se identifica como o autor, e a legitimidade dessa alegação nunca foi seriamente contestada. “A ocasião da epístola foi uma consulta epistolar enviada pelos coríntios (7,1) pedindo esclarecimento sobre várias questões”². Albertano recorreu a duas passagens dessa carta de Paulo para reforçar a importância do discurso verdadeiro e construtivo.

2 Coríntios 13:8. Em estilo e conteúdo, nenhuma outra epístola é mais característica do apóstolo Paulo que a segunda carta aos Coríntios, uma vez que, nela, buscou esclarecer alguns pontos de sua pregação e defender sua autoridade de apóstolo. Ela contém, assim, muitas informações autobiográficas, bem como referências a pessoas, situações e acontecimentos com os quais Paulo e seus leitores estavam claramente familiarizados. A conclusão de que Paulo é o autor da epístola, que leva o nome dos cidadãos da cidade de Corinto, é inquestionável. O trecho selecionado por Albertano para seu manual reforça o valor da verdade que dá o verdadeiro valor a quem a defende.

¹ Referências extraídas de: BÍBLIA Sagrada. Bíblia Vozes: Antigo e Novo Testamentos. Tradução de ZAMAGNA, Domingos; BOUZON *et al.* Petrópolis: Vozes, 1983; e *Bíblia Sagrada. Almeida Revista e Atualizada*, 2 ed. 1988, 1993 – Sociedade Bíblica do Brasil.

² Comentário de Garmus, L. à Primeira Epístola aos Coríntios. Bíblia Vozes: Antigo e Novo Testamentos, p. 1355.

2 Timóteo 2:16. “*Epístolas pastorais* é o nome dado aos escritos dirigidos a Timóteo e a Tito, companheiros de missão de Paulo”³. Apesar de serem atribuídas a Paulo, não há certeza de quem seja o autor delas. O versículo, extraído por Albertano dessa epístola, “Evita as palavras profanas e fúteis”⁴, é uma das instruções exortativas da carta e se encaixa no caráter instrutivo do bresciano.

Colossenses 3:25; 4:6. Paulo escreveu a Epístola aos Colossenses, embora não tenha visitado a congregação pessoalmente. Ciente dos acontecimentos da cidade de Colossas por intermédio de um discípulo seu, Paulo teria ficado sabendo de que a comunidade “estava sendo ameaçada por uma heresia de caráter sincretista, pagão-judaico-cristão”⁵. A epístola pontua que o tempero equilibrado do sal, na alimentação, reforça seu sabor, e, no discurso, o tempero das palavras proporciona a boa medida, enquanto a injúria, a desmedida. Assim, Albertano, fundamentado por Paulo, orna seu quinto e sétimo ponto sobre a vigilância no falar.

Eclesiastes 3:7; 5:2. Incluído na coleção dos escritos salomônicos, esse livro de nome de Eclesiastes, que é uma transliteração do grego *ekklesiastes*, por sua vez uma tradução do título hebraico *Qohelet* (“Coélet”, lit. “aquele que convoca uma assembleia”), se referindo a um sábio que instruíu o povo. O autor, nas passagens do livro, segue os seguintes esquemas: “tema, dedução e sua confirmação mediante um provérbio; ou então fala de suas observações e pesquisas, dá seu veredito e o confirma com uma frase lapidar”⁶. Por ser um livro de temática abrangente, pois engloba diversas áreas da filosofia (cosmologia, antropologia, ética religiosa, ética social, crítica das ideologias), fez-se modelo exemplar para Albertano.

Eclesiástico 5:14; 6:5; 6:6; 8:4; 8:20; 9:25; 10:6; 10:7; 10:8; 11:9; 12:7; 12:10-11; 12:16; 18:19; 19:5; 19:8-9; 20:7; 20:27; 21:5; 22:6,8; 22:9; 23:20; 28:29-30; 31:27; 32:6; 37:20; 37:23-24; 40:21. Incluído no rol dos Livros Sapienciais, o Eclesiástico foi escrito por “um nobre de Jerusalém que, desde a juventude, se dedicou

³ Comentário de Garmus, L. às Epístolas Pastorais. Bíblia Vozes: Antigo e Novo Testamentos, p. 1407.

⁴ No original: *Profana et vaniloquia evita*.

⁵ Comentário de Garmus, L. à Epístola aos Colossenses. Bíblia Vozes: Antigo e Novo Testamentos, p. 1395.

⁶ Comentário de Luís Staldelmann ao Livro Eclesiastes. Bíblia Vozes: Antigo e Novo Testamentos, p. 785.

com amor ao estudo da sabedoria e da lei” (51, 18-30). O nome do autor, Jesus de Siraque, deu ao livro uma segunda nomenclatura: Siracida. Por ser um livro doutrinal, nos moldes do de Jó e do livro dos Provérbios, assentou-se perfeitamente na forma e no sentido com que o *Ars loquendi et tacendi* foi estruturado. Daí seu extenso uso e frequência considerável de seus versículos na obra de Albertano. “O Eclesiástico não faz parte da Bíblia hebraica, fato pelo qual foi também excluído do cânon pelas Igrejas protestantes”⁷.

Eféios 4:29; 5:4,3. “Embora a Igreja antiga, desde o II século, tenha considerado “Ef como carta paulina”⁸ e o título dê como destinatários os efésios, habitantes de Éfeso, uma importante cidade da Ásia Menor (atual Turquia), “a tendência atual é atribuir a autoria de Ef a um discípulo de Paulo, que a escreveu por volta do ano 90”, e expandir seus destinatários à amplitude de “várias comunidades da Ásia Menor”⁹. Os trechos da carta aproveitados por Albertano dizem muito sobre o efeito edificante e salvador das palavras oportunas para o bem do ouvinte.

Jó 20:6-7. O livro de Jó “é um poema dramático-religioso que discute, em profundidade e com veemente paixão retórica, o tema universal da transformação do homem”¹⁰. Estima-se que tenha sido escrito em etapas, com acréscimos de autores ao texto original. Os autores sugeridos são Moisés (segundo a tradição judaica), Salomão, Ezequiel, Isaías, Esdras e Eliú. O livro de Jó leva o nome do seu personagem principal, em torno do qual giram os acontecimentos da narrativa. Albertano, ao tratar do nono tópico, acerca da indagação “o que falar?”, aborda a questão da soberba. Assim, o trecho de Jó que aborda a efemeridade do sucesso dos ímpios ilustra e reforça a inutilidade da soberba no falar e no agir, pois ela é contrária à sabedoria e à justiça.

João 14:6. Albertano escolhe diligentemente o versículo joânico mais importante desse quarto Evangelho: “Eu sou o caminho, a verdade e a vida”¹¹, que resume toda a grandiosidade de Cristo em três palavras

⁷ Comentário de Ney Brasil Pereira e Lincoln Ramos ao Livro do Eclesiástico. Bíblia Vozes: Antigo e Novo Testamentos, p. 830.

⁸ Comentário de Garmus, L. à Epístola aos Efésios. Bíblia Vozes: Antigo e Novo Testamentos, p. 1385.

⁹ Comentário de Garmus, L. à Epístola aos Efésios. Bíblia Vozes: Antigo e Novo Testamentos, p. 1385.

¹⁰ Comentário de Luís Stadelmann ao Livro de Jó. Bíblia Vozes: Antigo e Novo Testamentos, p. 631.

¹¹ No original: *Ego sum via, veritas et vita*.

essenciais para a orientação e a existência cristã. "A tradição da Igreja antiga atribuiu a autoria do quarto Evangelho ao apóstolo João, filho de Zebedeu, [...] identificado como o discípulo que Jesus amava"¹². Esse epíteto frasal, presente na Bíblia, é confirmado pela etimologia do nome João: *Johanan* significa "Javé amou" ou "agraciou".

Lucas 1:28; 1:30; 1:31; 1:35; 1:36; 1:37; 11:17. O autor do 3º Evangelho é Lucas, médico e companheiro de jornada de Paulo: "Os críticos, em geral, confirmam Lucas, um pagão convertido, companheiro de Paulo, como autor do terceiro evangelho e dos Atos"¹³. Por sete vezes, Albertano recorre a Lucas para ornar seu manual. Isso pode ser entendido como uma assimilação entre as de intenções de ambos os autores, que dedicam suas obras para um indivíduo (Teófilo e Estéfano, respectivamente), como pretexto para se atingir a um público mais vasto. Outro provável motivo é a semelhança, entre os textos, na finalidade de instruir para.

Mateus 7:6; 12:36. Embora o autor desse livro seja anônimo, a Igreja Primitiva consistentemente atribuiu sua autoria ao apóstolo Mateus, um cobrador de impostos chamado a seguir Jesus. Os Evangelhos, segundo Mateus, Marcos, Lucas e João, são uma recolha "dos fatos e ditos de Jesus, conservados durante cerca de quarenta anos de tradição oral transmitida e elaborada pela pregação, liturgia e catequese"¹⁴. O primeiro evangelho, portanto, atribuído a Mateus, é destinado aos fiéis oriundos do judaísmo e do paganismo. O proverbial "não atireis pérolas aos porcos" desse evangelho (7:6) auxilia na resposta à questão posta por Albertano: "a quem devo falar?". Da mesma forma, o compromisso que se deve ter com o não falar palavras vãs é expresso no dito em Mt 12:36 "Havemos de prestar contas de cada palavra ociosa".

Provérbios 9:7; 9:8; 10:19; 11:2; 13:3; 14:23; 15:1; 16:24; 18:2; 18:13; 22:29; 23:9; 25:28; 26:17; 29:9; 29:20; 30:7-9; 31:4. Boa parte dessa compilação de provérbios é atribuída ao rei Salomão, e o livro "oferece um apanhado da doutrina sapiencial israelita e não

¹² Comentário de Garmus, L. ao Evangelho segundo João. Bíblia Vozes: Antigo e Novo Testamentos, p. 1271.

¹³ Comentário de Garmus, L. ao Evangelhos segundo São Lucas. Bíblia Vozes: Antigo e Novo Testamentos, p. 1234.

¹⁴ Comentário de Garmus, L. aos Evangelhos Sinóticos. Bíblia Vozes: Antigo e Novo Testamentos, p. 1176.

israelita, abrangendo um período de vários séculos”¹⁵. Provérbio, em hebraico *mashal*, lit. “ser semelhante a”, “ser comparado com”, significa uma declaração comparativa, normalmente na forma de um ditado curto em vez de uma declaração extensa. Por seu caráter popular e sentencioso, por seu sentido perspicaz e enfático e pela forma de refrão, máxima, parábola, alegoria ou enigma, esse gênero revela sua intenção mnemônica. Diante dessas características exortativas, reflexivas e instrutivas justifica-se a abundância da presença do livro dos Provérbios no texto do bresciano.

Romanos 2:1; 2:21-23. O apóstolo Paulo escreveu a Epístola aos Romanos após vinte anos de apostolado e antes de visitar a comunidade de cristãos em Roma, a fim de prepará-los para sua visita. Trata-se de um escrito em que busca expor as verdades essenciais do cristianismo em tom sereno e modo sistemático, evitando-se polêmicas desnecessárias. Decerto, ao citar Paulo, Albertano buscou testemunho daquele que expôs com firmeza e amadurecimento o modo cristão de se viver.

Sabedoria 1:4. Sabedoria é um dos cinco livros chamados sapienciais e “pertence à corrente sapiencial que se honra do patrocínio do sábio rei Salomão”¹⁶. Albertano consultou todos os livros sapienciais e extraiu deles o que melhor ilustrava suas orientações sobre a *Arte de falar e de calar*. Nesse livro da Sabedoria, ainda na questão de “a quem falar?”, ele adverte seus leitores para evitarem de falar com os perversos, pois, em uma alma perversa, a sabedoria jamais penetra.

Salmos 12(11):4; 36(35):30; 120(119):3-4; 140(139):12. O *Livro dos Salmos* é uma coleção de 150 cânticos sacros do povo israelita. Os títulos de alguns salmos os atribuem a certos indivíduos ou grupos ou os classificam por temas (filhos de Coré, Asaf, Salomão, Moisés, salmos da realeza de Deus, cânticos de peregrinação, Hallet etc.), enquanto outros salmos não contêm referência à autoria. O indivíduo mencionado com mais frequência é Davi (séc. X a.C.), “exímio poeta e músico e grande profeta, homem profundamente religioso, que organizou o canto litúrgico para solenizar o culto divino, transladou a arca da aliança para

¹⁵ Comentário de Luís Staldelmann ao Livro dos Provérbios. Bíblia Vozes: Antigo e Novo Testamentos, p. 755.

¹⁶ Comentário de Ney Brasil Pereira e Lincoln Ramos ao Livros da Sabedoria. Bíblia Vozes: Antigo e Novo Testamentos, p. 810.

Jerusalém e providenciou todo o material para a construção do templo¹⁷. Como o livro contém características próprias, misturando música e poesia, sua escrita configura um gênero textual único. Albertano busca se inspirar em alguns salmos para reforçar seus ditos contra o discurso e atitude indigna dos maldizentes, dos inimigos arrogantes e, principalmente, contra a dos caluniadores.

Tiago 1:19; 3:7-8. O autor se identifica como “Tiago, servo de Deus e do Senhor Jesus Cristo” (1,1) e a tradição o faz primo de Jesus (Mc 6,3). “Mais do que epístola Tg é um escrito de caráter didático-exortativo, influenciado pela tradição parenética grega e judaica, especialmente sapiencial¹⁸. Seu valor para compor o texto de Albertano está, entre outras coisas, na ênfase dada na responsabilidade ética e social da vida cristã.

¹⁷ Comentário de Luís Stadelmann aos Salmos. Bíblia Vozes: Antigo e Novo Testamentos, p. 666.

¹⁸ Comentário de Garmus, L. à Epístola de São Tiago. Bíblia Vozes: Antigo e Novo Testamentos, p. 1431.

Sobre os autores

Heloísa Maria Moraes Moreira Penna possui graduação em Letras (licenciatura em português) pela Universidade Federal de Minas Gerais (1990), graduação em Letras (licenciatura em latim) pela Universidade Federal de Minas Gerais (1994), mestrado em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais (1998 – linha de pesquisa “Linguística Histórica”), doutorado em Letras Clássicas pela Universidade de São Paulo (2007 – métrica horaciana) e pós-doutorado em Letras Clássicas pela Universidade de Campinas (2016 – *Geórgicas IV* de Virgílio). Atualmente é professora de latim – Língua e Literatura – da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais. Desenvolve pesquisa no ensino e na extensão, sempre tendo o latim como alvo e nos seguintes temas: a poesia latina, especialmente o poeta Horácio; estudos de métrica latina; história da gramática tradicional; o ensino de latim na extensão.

Gustavo Lamounier é estudante de graduação em Letras (bacharelado em clássicas com ênfase em grego) pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Seus estudos se concentram nas áreas de letras clássicas e tradução.

Mateus Aredes, nascido há 22 anos na cidade de Coronel Fabriciano, Minas Gerais, sempre foi apaixonado pelas histórias e mitos gregos. Desde que aprendeu a ler, influenciado pela releitura da mitologia helênica na visão do escritor Richard Riordan, teve certeza de que queria viver a vida toda rodeado pela cultura clássica, primeiro desejando ser um historiador, e mais tarde voltando-se para o caminho das letras. Hoje, cursa Letras na Universidade Federal de Minas Gerais, onde espera aprender cada vez mais e construir um futuro acadêmico na área das literaturas e línguas clássicas.



Publicações Viva Voz

Cartas das Heroínas XVI-XVII: Páris a Helena & Helena a Páris

Matheus Trevizam (org.)

Sofia Morais Coelho (trad.)

Prodigiorum Liber

Matheus Trevizam (org.)

Sara Anjos (trad.)

Relato do mestre Gregório a respeito das maravilhas da cidade de Roma

Heloísa Maria Moraes Moreira Penna (org.)

Nathalia Tomaz de Lima (org.)

Os livros e cadernos Viva Voz estão disponíveis em versão eletrônica no *site*: www.labed-letras-ufmg.com.br

A833a.Y Albertano, da Bréscia, at. séc. XIII.
Ars loquendi et tacendi = A Arte de falar e de calar: lições da antiguidade do mestre Albertano de Bréscia / Albertano de Bréscia ; organização: Heloisa Maria Moraes Moreira Penna ; tradução: Gustavo Lamounier Miranda, Mateus de Oliveira Aredes. – ed. bilíngue. – 2024.
88 p. : il., p&b. – (Viva Voz)

Inclui referências.

ISBN: 978-65-87237-86-2 (digital)

ISBN: 978-65-87237-87-9 (impresso)

1. Albertano, da Bréscia, at. séc. XIII – Crítica e interpretação. 2. Literatura latina – História e crítica. 3. Oratória antiga. 4. Literatura latina – Traduções para o português. I. Penna, Heloisa Moraes Moreira. II. Miranda, Gustavo Lamounier. III. Aredes, Mateus de Oliveira. IV. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras. V. Título: A arte de falar e de calar. VI. Série.

CDD: 870

As publicações Viva Voz acolhem textos de alunos e professores da Faculdade de Letras, especialmente aqueles produzidos no âmbito das atividades acadêmicas (disciplinas, estudos e monitorias). As edições são elaboradas pelo Laboratório de Edição da Fale/UFMG, constituído por estudantes de Letras - bolsistas e voluntários - supervisionados por docentes da área de Edição. A presente edição foi impressa pela Imprensa Universitária UFMG em sistema digital, papel pólen natural 80 g/m² (miolo). Composta em caracteres Verdana, acabamento em kraft 420 g/m² (capa) e costura artesanal com cordão encerado.

V
V V
V V
Viva VOZ